

11HA TERCETRA - ACORES

OKEMUN

10

OLETIM INFORMATIVO

JULEO 1992

# MISSÃU ... ADIADA!

No início do presente ano, ao traçarem o plano de actividades para 1992,0S MON-TANHEIROS agendaram para o período 6/10 de Junho uma missão à Ilha Montanha.

Foi escolhida esta data por se tratar de período de tempo em que apenas constava um dia útil, já que os restantes incluiam um sábado e domingo (6 e 7) e 2 feriados (8 e 10); e, é sabido que 90% dos operacionais de OS MONTANHEIROS têm ocupações profissionais próprias, sacrificando de bom grado os dias de descanso para a prática de actividades que contribuam para um melhor conhecimento do meio que nos rodeia, no caso concreto, o nosso rico subsolo,e tornar maiores os AÇORES.

Mas, como PINGO DE LAVA referiu no seu nº 12, para esse fim, por vezes, OS MON-TANHEIROS necessitam do apoio de entidades que detenham os meios favoráveis ao desenvolvimento das nossas explorações. E esta era uma missão que requeria esse auxílio, uma vez que OS MONTANHEIROS dispenderam grande esforço na criação e montagem de uma SALA-MUSEU (vejam-se as páginas centrais deste número), ficando impossibilitados de custear a deslocação à Ilha do Pico.

Por isso, se solicitou ao Comando Naval dos Açores que nos facultasse o transporte para o Pico, através da Corveta que vem sulcando os portos e mares dos Açores. Todavia, o nosso pedido não foi atendido e dessa inviabilidade de atendimento nos foi dado conta, telefonicamente, apenas na ante-véspera do início da Missão.

Enfim... esperemos nova oportunidade para continuarmos o nosso inventário espeleológico, lamentando-nos de não termos podido contactar com o recém-formado grupo 342

espeleológico do Pico, no sentido de prestar esclarecimentos e incentivar-lhes a prática da respectiva actividade. Todavia, como abaixo se pode constatar, julgamos que o GECAM vai no bom caminho e apelamos para que não esmoreçam pelo agora sucedido. Outros dias virão...

MONTH CHARLES DE ANGIOS DA ESTA DO PICO
PROMO PARA DE PARA DE PARA DO PICO
PROMO PARA DE PARA D

#### **ESPELEOLOGIA**

# Algar dos Montanheiros cresceu mais 120 metros

O GECAM - Grupo de Espeleologia Campismo e Montanhismo do Círculo de Amigos da Ilha do Pico, depois de um período de encontros preparatórios, iniciou decididamente a temporada de exploração espeleológica apesar de não ter conseguido

ainda equipamento mínimo indispensável para o exercício eficaz e seguro daquela actividade.

A actividade espeleológica de 1992 foi
iniciada pelo
GECAM em 28
de Março passado com uma
visita guiada à
Furna do Frei
Matias, na qual
participaram
cerca de 30 elementos, entre
exploradores e
alguns chefes,

do Agrupamento 904 do C.N.E .:

No interior daquela cavidade vulcânica os pequenos escuteiros aprenderam mais uma lição de amor e respeito pela natureza, recordando também a lenda histórica do ermidão Frei Matias que justifica o nome daquela gruta.

Durante este passeio, para além duma visita à galeria de estalactites danificadas, foi percorrido o túnel Oeste e o túnel da Frei Matias 2 (Sinuosas) comunicante com a Gruta do Inverno.

No dia 5 de Abril, domingo, o GECAM juntou 13 dos seus elementos para uma tarde de reconhecimento espeleológico de algumas galerias já conhecidas a fim de que esta tomada de contacto directo com as grutas servisse como primeiro exercício real no terreno para os novos elementos do grupo.

A ligeira missão começou, por entre nevoeiro, com uma entrada pela Gruta de Inverno no sentido Norte-Sul confirmando-se a ligação desta com a Frei Matias 2 donde se conclui a grande riqueza espeleológica daquela zona ainda com muitas gru-

tas e algares por explorar.

Depois duma passagem rápida pela Furna do Frei Matias, no que desta é conhecido do público, o grupo seguiu para a zona dos Brejos, no Curral da Queimada, onde o tempo contrastava pelo raiar dum sol quente

GRUTA DOS MONTANHEIROS - Sequência de estalactites lávicas

e brilhante. Af, na mesma intenção de iniciar os inexperientes e mais novos do grupo, fez-se a descida ao Algar dos Montanheiros cujo troço maior da gruta que se desenvolve no interior foi facilmente percorrido com

Na pausa final houve um momento de contemplação dos pormenores envolventes enquanto se preparava o regresso à luz do dia.

Entretanto o pequeno Miguel, que acompanhava o Grupo, metendo-se por estreitos buracos entre a escória irregular, espreitou e disse avistar a continuação de um espaço amplo. Imediatamente a curiosidade de alguns levou-os até ao local intransponível motivando-os para uma desobstrução da passagem. E foi assim que três ou quatro elementos do GECAM numa atitude de persistência empenhada e cautelosa, apenas com a ajuda dum martelo, conseguiram descolar blocos de lava tipo «A-A», de tamanhos diversos, permitindo a entrada do grupo no túnel com duas variantes - uma à direita e outra à esquerda - para terminar num corredor abundante de estafilitos e outras

formações interessantes a merecerem registo mais cuidadoso em próxima visita.

O troco agora descoberto e explorado tem uma extensão aproximada de 120 metros valorizando consideravelmente a Gruta dos Mon-

> tanheiros na sua beleza e dimensão que fazem desta unidade espeleológica um dos exemplares mais amplos e melhor preservados na categoria das grandes grutas (mais de 1000 metros) dos Acores.

A próxima expedição do grupo de espeleologia do Círculo de Amigos da Ilha do Pico será para uma mediação e planificação da área descoberta, ao mesmo tempo que se tentará melho-

rar o rastejo de acesso.

A Gruta dos Montanheiros, para além das grandes cornijas e impressionantes bancadas de lava que apresenta, bem como algumas belas estalagmites e muitas estalactites basálticas, é rica em fauna cavernícola endémica o que permitiu a cientistas portugueses e estrangeiros a descoberta de dois exemplares únicos no mundo - o «trechus montanheiros» e o «trechus picoensis».

Achamos que esta gruta deveria merecer das entidades locais uma maior atenção no sentido de preservá-la da acção destruidora de visitantes pouco motivados para apreciação da natureza ou observação científica.

Pensamos também que, feito um novo acesso, seguro e reservado, esta seria uma das grutas de mais fácil aproveitamento turístico dada a sua amplitude e formação que tornam o percurso fácil e agradável.

Razões diversas levam-nos a sugerir que essas medidas tomem um carácter urgente antes que seja demasiado tarde.

A. T. G.

# AGUIAR SILVA

#### **UULCANDLOGIA**

#### 2 - ACTIVIDADE VULCÂNICA HAWAIIANA

Durante meses a pressão foi aumentando lentamente abaixo dos vulcões Kilauea e Mauna Loa. Trinta quilómetros para este, da orla da cratera do Kilauea, o chão estava inclinando-se suavemente para leste enquanto o cimo do Mauna Loa era empurrado para cima pela acumulação de rocha fundida por debaixo dele.

Então, subitamente, às 21.25 h do dia 1 de Junho de 1950, visitantes do Volcano House at Kilauea viram um brilho vermelho-alaranjado aparecer perto do cimo do Mauna Loa. O vulcão entrara em actividade.

Provavelmente a erupção tería iniciado à cerca de 20 minutos, mas em virtude do afastamento e pouca visibilidade não foi imediatamente detectada.

Por volta das 21.10 h , residentes da pequena cidade de Maalehu, no flanco sul do Mauna Loa, ouviram um ruido fundo vindo da direcção do topo da montanha, e até mais cedo, às 21.04 h, os sismógrafos (instrumentos para medir tremores de terra) começaram a registar um leve e constante tremor do terreno, conhecido por "tremor vulcânico", causado pelo movimento da rocha fundida através do canal de alimentação do vulcão.

A primeira, das duas colunas de gases, de brilho claro laranja-avermelhado da reflexão da corrente de lava fundida por debaixo, e rosa num ponto do flanco sudoeste da montanha acerca de 3 780 metros acima do nivel do mar.

O ponto da erupção localizava-se numa zona de falhas que se estende por debaixo do lado sudoeste da montanha (conhecida por zona sudoeste do rift) durante os próximos minutos a falha eruptiva abriu-se mais e mais longe encosta abaixo.

Dentro de 15 minutos a linha da falha da erupção era de 4 km de comprimento, e dela jorravam fontes de lava em fusão a mais de 100 metros de altura.

A nuvem de gas cor de rosa numa estreita coluna subia no ar acima dos 3 quilómetros, então espalhando-se na forma de um cogumelo de cor laranja claro do brilho da lava incandescente abaixo.

Uma torrente muito fluida, de lava rica em gás derramava da fenda pelo flanco oeste da montanha, formando muitas correntes pequenas e uma corrente principal que viajava encosta abaixo cerca de 8 quilómetros.

Cerca das 22.15 h outro sopro de gas foi visto a levantar-se de um ponto mais abaixo na zona de fracturas.

Este ponto era a 12 km a sudoeste da falha eruptiva perto do cimo da montanha e a cerca de 2 475 m acima do nível do mar

Dez minutos mais tarde um brilho muito claro apareceu na nuvem mais baixa, mostrando que a lava quente alaranjada estava correndo por debaixo dela.

A nuvem de gas brilhante cresceu rapidamente e alargou-se enquanto a fenda por debaixo continuava a abrir-se para ambos os lados para cima e para baixo do interior da montanha.

Pela s 4 horas da manhã uma linha de fontes de lava com 13 km estava jorrando pelas fissuras abertas a uma altura de mais de 300 metros acima do chão.

Da base das fontes saia uma corrente de lava fundida, do interior sudoeste da montanha.

Perto do fim dia 2 de Junho uma corrente de lava na encosta sul tinha 16 km de comprimento.

Por volta da meia-noite a corrente queimava o caminho através da floresta não muito longe da estrada, e à 1.05 da manhã mergulhava no mar.

Esta corrente percorreu 24 km a uma velocidade média de 9,4 km hora.

Na sua passagem "limpou" uma pequena povoação - todos os babitantes escaparam, embora alguns por uma curta margem.

Pelo meio dia de 2 de Junho esta primeira corrente terminou, mas duas outras estavam derramando pela encosta oeste.

Uma entrou pelo mar, pouco depois do meia dia, destruindo dois grupos de edificios na passagem.

A outra atingiu a linha de costa perto das 3.30 horas da tarde.

Esta tornou-se a corrente de lava principal da erupção. Espalhou-se lateralmente e gradualmente destruíndo um restaurante novo e edificios próximos.

Durante os dias seguintes, centenas de pessoas visitaram a corrente de lava onde ela atravessava a estrada.

Vendedores moviam-se para tras e para diante ao longo da estrada vendendo gelados, sumos, e a policia orientava o transito e o estacionamento das viaturas e prevenindo os visitantes, fascinados com a corrente de lava quente, que se tornavam menos cuidadosos.

A erupção continuou por duas semanas. Mais de 440 000 000 metros cubicos de lava foram expelidos, cobrindo perto de 90 km quadrados de terreno acima do nivel do mar.

Edificios e pastagens foram destruidos mas não houve danos pessoais.

Esta erupção foi somente uma das mais de 90 que tiveram lugar nas Ilhas Hawaiianas desde o começo do século XIX.

Durante aquele intervalo o Mauna Loa e o Kilaeua, na Ilha do Hawaii, tinham sido os mais activos dos vulcões da Terra.

office of any evitage a milet at a motion a milet a rive



#### RESCALDU DU ARREPIANTE MORRO ASSOMBRADO

Com um tempo verdadeiramente primaveril, mesmo a convidar qualquer pessoa a sair da Cidade e deslocar-se aos matos mais assombrados da Ilha Terceira, cumpriu-se no dia 10 de Maio passado o 3º passeio da "ILHA VIVA", designado por "O Arrepiante Morro Assombrado".

Na caminhada participaram 54 pessoas, com idades compreendidas entre os 10 e os 62 anos, na sua grande maioria jovens, tendo partido a caravana-auto às 09H4O de Angra para o alto da Serra do Labaçal, onde se iniciaria a marcha.

Depois de se tirar a foto de grupo, fez-se uma pequena manobra com as via-

turas, colocando-as no local previsto para a chegada.

As 10H45 teve início a caminhada, com a subida do pasto que separa a estrada do cimo da Serra. Aqui chegados, cortou-se direitamente para o MORRO ASSOM-BRADO, através de um trilho aberto no ano passado por 3 elementos de OS MONTA-NHEIROS ("Trilho das Fendas").

As 11H3O atingimos o "Desfiladeiro do Obelisco", onde se fez curta paragem, percorrendo-se depois parte do "Labirinto das Ilhas de Pedra" onde, com algum assombro, todos tiveram oportunidade de ver algumas das fendas que sulcam esta

área, chegando em certos pontos a ultrapassar os 20m de altura.

Na prrte mais alta do Morro, fez-se a necessária paragem para almoço, juntando-se o útil ao agradável, já que enquanto se matava a fome podia-se admirar a magnífica paisagem que nos rodeava (o tempo assim o permitia!), vendo-se ao longe a Serra de Santa Bárbara (totalmente descoberta, o que levou alguns a lamentarem-se que assim não tivesse acontecido no passado dia 25 de Abril, aquando do passeio "Lagoas da Serra").



AGUINALDO ANTUNES - ALFREDO CRISTIANO - ANGELA DIAS - ANITA VOGELS - CLAUDIO DIAS - DINA AGUEDA - ELISABETE ALENCASTRE - ELISABETE BRASIL - EUGENIA SILVA - FERNANDO PEREIRA - FILIPE SILVEIRA - GERMANO SIMAS - JOAO BORBA - JOÃO MAGINA - JOÃO ROCHA - JOÃO SILVA - JOSE FREITAS - JOSE MARIA - JOSE SILVEIRA-JOSE VIEIRA - JUDITE ROCHA - LUCIA MACHADO - LUIS VASCONCELOS - MANUEL BACALHAU - MANUEL LEMOS - MARCO ESCOBAR - MARGARETE PICHOTTA - MARGARIDA FERNANDES - MARIEKE YBENA - MIGUEL LINHARES MIGUEL MOREIRA - MILÚ SILVA - NELIA CUNHA - NUNO FREITAS - ODÍLIA TEIXEIRA - PAULA MENESES - PAULA VITORINO - PAULO BORGES - PAULO ENES - PEDRO COSTA - PEDRO SILVA - RICARDINA MACHADO - ROBERTO COSTA - ROSALINA GABRIEL - ROSEMARY NUNES - SANDRA SILVA - SANDRO SILVA - SARAH PICHOTTA - SIERK YBENA - TANIA BRASIL - TIAGO AVELAR - TOM SPIKER - VALDEMIRO ESTEVÃO E VICTOR MONIZ.

Após a refeição, continuou-se a caminhada, saindo-se do Morro Assombrado pelas 13H3O junto às TORRES DE BABEL. Passou-se na ARCA FRIGORIFICA, descendo-se para o Biscoito da Ferraria, o qual foi atravessado uma hora depois, em direcção à Rocha do Chambre.

Deste vasto vale, todo recoberto de grande variedade de vegetação, avistámos fogo nas imediações do Morro Assombrado, mais concretamente entre este e o Pico Alto. Tudo indica que tenha sido fogo posto por 5 rapazes (com idades entre os 15 e os 18 anos), com quem nos havíamos cruzado e que seguiam acompanhados de 3 cães (raça Pastor da terra). Deduzimos que andavam à caça de cabras selvagens (que se encontram apenas nesta área da ilha).

Nunca será de mais frisar que, quer esta área quer outras reservas naturais da Ilha Terceira deveriam ser mais vigiadas por quem de direito, a fim de não se repetirem situações idênticas ou ainda de maiores proporções, o que seria catastrófico. Convém lembrar que o Inverno tem sido benigno e vem aí o Verão que pode agravar mais a situação, se não houver o cuidado e vigilância necessários, Veja-se por exemplo, a devastação recentemente causada pelo fogo na Serra do Morião, sobranceira à cidade de Angra, de onde se pode observar o aspecto desolador que apresenta a Serra.

Retornando ao Passeio, atingimos a Rocha do Chambre cerca das 15H3O, onde se fez pequena paragem para descanso dos mais fatigados; os mais jovens aproveitaram o tempo para a folia, rolando e dando cambalhotas na erva seca e macia,com algu-

mas "bocas" galhofeiras de permeio e muita gargalhada.

Seguimos então junto à Rocha do Chambre até próximo da descida do Narião, onde se chegou pelas 16H00. Aqui, teve que se fazer uma longa paragem pelo facto duma participante no passeio ter contrido uma lesão num pé, impeditiva de continuação de marcha. Faltavam cerca de 2Km para o ponto final do percurso. Fui, com dois elementos da comitiva, o João Silva e o Marco Escobar (por sinal, ambos membros da Cruz Vermelha) que carregaram com a lesionada até à estrada que lhes indiquei e que passa por detrás do Pico Narião, percurso mais curto. Percorrendo aquela área (alertado pelo fogo atrás mencionado) estava um jeep dos Bombeiros dos Altares que deu "boleia" à acidentada.

Devido a este imprevisto, o passeio atrasou em uma hora, permanecendo todos os participantes agrupados na encosta do Narião, aguardando o meu regresso para se prosseguir a marcha.

Eram 17H1O quando se deu início à descida do Narião, rumo à tão desejada Fonte do Vimeiro, onde, 20 minutos depois, todos se saciaram com o precioso néctar.

Depois, foi atravessar o Vale do Azinhal e subir para a base do Pico das Pardelas, seguindo-se então em direcção às viaturas, concluindo-se assim mais uma caminhada da "ILHA VIVA", com regresso a Angra pelas 18H15.



Finalmente, uma palavra de apreço para todos os participantes, designadamente à Juventude reinante no Grupo, que nunca se fartou de espalhar alegria durante todo o percurso, tornando assim o Passeio mais agradável, não se dando pelo cansaço de quem quer que fosse.



348

#### A ESPECTACULARIDADE DO "ARREPIANTE MORRO ASSOMBRADO"



Também no domingo, o Grupo de Espeleologia "Os Montanheiros" promoviam mais um passeio ao espectacular interior da nossa ILHA.

Uma organização perfeita que só não nos permitiu acompanhá-la porque estávamos nesse dia destinados ao "Ciclo Montanha" dos homens do Ar

Estas nossas breves palávras são de elogio, admiração e incentivo para quem na sua ILHA aposta na sua divulgação, escolhendo os caminhos da Natureza e promovendo manifestações de Grande Qualidade.

A sugestão de 10 de Maio era a escalada ao Morro AS-"Arrepiante SOMBRADO" - iniciandose a caminhada pelo desfiladeiro do Obelisco, Labirinto da Ilha de Pedra, Torres de Babel e Rocha Fria - esse local é um dos mais virgens da ilha e de maior espectacularidade e beleza. Não o conhecemos, mas pelo que já nos foi dito em conversas tidas, acreditamos na totalidade dessa classificação.

Ainda não nos foi possível acompanhar os "Montanheiros" para efectuarmos uma reportagem, ficando apenas a dever-se à coincidências de datas, para compromissos já assumidos.

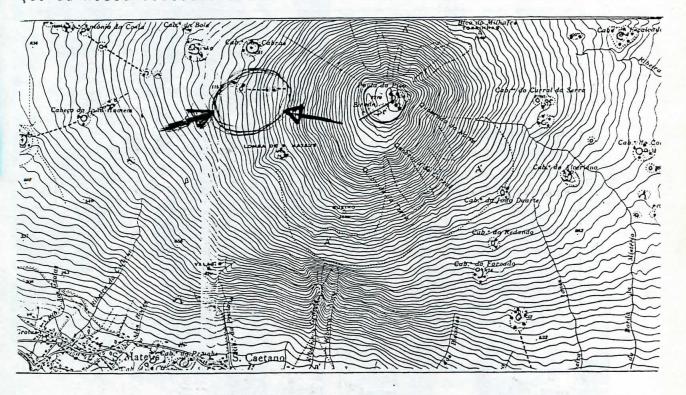
Logo que nos seja possível apresentaremoss, uma reportagem exclusiva premiando assim quem tem o direito a tal distinção.



# AC REDOR OPERAÇÃO MONTANHA-92

No fim-de-semana 15-17 de Maio passado, teve lugar na Ilha do Pico uma operação simulada, em que participaram a Marinha, a Força Aérea e a Protecção Civil, esta última englobando a Cruz Vermelha,os Bombeiros e OS MONTANHEIROS.

Para esta operação, haviam sido solicitados 5 MONTANHEIROS, todavia, por motivos de força maior, apenas foi possível fazer deslocar 3 elementos, dois deles (Luis Vasconcelos e Rui Silva) com traquejo nestas andanças. O 3º elemento, pela primeira vez metido nestes "assados", descreve abaixo, com algum humor (afinal...tratava-se de uma simulação...) os acontecimentos, do ponto de vista da participacão da nossa colectividade:



Passavam alguns minutos das O6HOO quando, junto à sede de OS MONTANHEIROS, se agruparam os elementos que para esta operação foram designados.

Cerca das O6H3O, teve lugar a ida para o cais do Porto das Pipas, tendo sido o nosso grupo o primeiro a colocar a bagagem na Corveta que nos conduziria à I-

Não foram necessários muitos minutos de espera para se antever que a viagem seria menos boa. De súbito, veio uma chuvada que, nos menos prevenidos, fez as suas moças.

Perante todo o movimento em cima do Cais, aguardou-se até cerca das 07H00 pa-

ra o início do embarque do pessoal.

Eram O7H58 quando a Corveta da Marinha de Guerra Portuguesa largou da Baía de Angra.

A bordo, alguns grupos apressaram-se a entoar certos cânticos, por alguns minutos, pois passados cerca de 30 minutos já alguma alimentação era lançada para

o mar, já que os peixes precisavam de engodo...

Quanto aos elementos de OS MONTANHEIROS, esses aguentaram algum tempo com uma disposição e comportamento de verdadeiros marinheiros, até que, perante uma vaga um pouco maior, eis que grande quantidade de alimentação foi ao mar; só que, com a grande força de vento que então se fazia sentir, foram apanhados os elementos da Cruz Vermelha com alguns respingos...

Depois desta um pouco atribulada viagem, chegou-se ao Pico pelas 11H45. Depois das formalidades militares, teve lugar o desembarque. Desde logo, fomos abordados por elementos dos Bombeiros Voluntários da Madalena, que muito atenciosamente se

prestaram a ajudar-nos.

Aproximadamente pelas 12H50, rumámos para o Quartel dos Bombeiros Voluntários da Madalena, numa viatura da Protecção Civil local. Depois de entramos em contacto com as instalações, indicaram-nos estar um refeição disponível num restaurante no centro da Vila. Depois de tanta angústia da viagem, até que uma boa refeição saberia bem! O almoço foi no PINOQUIO, cerca das 14H00.

Um dos Montanheiros que passou um pouco mal, foi ao escritório da SATA e marcou lugar para o regresso, pois não estaria na disposição de alimentar novamente

os peixes do Canal.

Marcada para as 19H00 uma reunião no Quartel dos Bombeiros da Madalena, foi então que nos comunicaram, com alguns pormenores, o que iria acontecer a partir das 00H00 do dia 16 de Maio.

#### SITUAÇÃO QUE SE IRIA DEPARAR...

Um grupo de turistas teria sido apanhado por um temporal, em determinada zona da Montanha, com ventos que ultrapassavam os 100 Km/h. A sua posição no terreno era incerta, já que com tal temporal cada qual se procuraria abrigar da melhor forma possível. (Os turistas foram substituidos no terreno por estacas de ferro com uma bandeira amarela).

Os Bombeiros seriam alertados para o acontecido, após o que começariam a enviar equipas de 5 homens que iniciariam as buscas. Cada uma dessas equipas integrariam um elemento de OS MONTANHEIROS. No total, os Bombeiros dispunham de 5 equipas.

Uma vez encontrados os turistas, estes seriam transportados até ao Posto de Triagem, montado pela Unidade de Socorro da Cruz Vermelha de Angra no início da subida para a Montanha. Mais tarde, seriam enviados para o local adequado, Centro de Saúde da Madalena ou Hospital da Horta.

A hora da chamada seria uma incógnita...



Posto isto, fomos jantar ao restaurante do senhor Garcia, onde uma apetecível

sopa deu início à refeição.

A filha do sr Garcia, a determinada altura, perguntou: - Então, a viagem foi boa?. Um riso geral foi a nossa resposta. Então, ela compresendendo tudo, ainda perguntou: - O senhor Aguiar não veio?. Respondemos que ele tinha ido tirar um curso de PRODUTOS DE BELEZA DE SEGUNDA IDADE! (Risos e surpresa!).

Estávamos a meio da refeição, e eis que o senhor Comandante dos Bombeiros nos apareceu e companhia nos fez, conjuntamente com dois elementos dos Bombeiros de

Angra, que sempre nos acompanharam.

Cerca das 23H00 recolhemos ao Quartel, a fim do necessário repouso.

Eram cerca das 04H50 quando o alarme foi dado dentro da camarata. O Vasconcelos disse: - Parece que está na Hora! Não foi com muita vontade que nos levantámos, pois o tempo lá fora era mau, estava escuro, fazia vento e alguma chuva e concerteza o frio era imprevisível até onde iria, pelo menos no local do exercício.



Depois de nos levantarmos, fomos até junto das viaturas, onde tudo se preparava, ainda um tanto ensonados.

A primeira viatura com um grupo de Bombeiros da Madalena partiu em direccão à Montanha cerca das 06H00. Passado

pouco tempo, partimos nós.

A viagem pelo caminho de acesso para a Montanha logo deixava antever que algo de pouco fácil nos esperaria. O nevoeiro era baixo e compacto. A partir de certa altura, a chuva veio tornar tudo mais difícil. Mais alguns minutos, e a temperatura começou a descer. Sentiase consideravelmente a brusca descida de temperatura.

Chegados ao local do destino (a 900m da Furna Abrigo, descarregou-se todo o nosso material e ajudou-se a levar, encosta acima, por cerca de pouco mais de 100m, a tenda dos Bombeiros Voluntários de Angra, que iria servir de Posto de Comando da operação; e diga-se de passa-

gem que de leve nada tinha!

Cerca das oito horas e pouco, numa das equipas que iria para a Montanha em busca dos turistas, um dos elementos de OS MONTANHEIROS dirigiu-se à Furna, local onde o Comandante dos Bombeiros da Madalena nos indicou a possível localização dos desaparecidos. Estariam acima da Furna, no máximo uns 500m e em meia lua para a esquerda.

Um dos elementos dos Bombeiros iniciou a caminhada pelo trilho. A certa altura, cortou terreno sempre em frente. Andámos cerca de trinta minutos sempre em subida, onde o frio e o vento aumen-

tavam progressivamente, já não falando na reduzida visibilidade, e não esquecen-

do a diferença verificada na respiração.

Depois de se ter subido cerca de 500m, começou-se por contornar o terreno em meia lua. Foi aí que dois elementos dos Bombeiros perderam o contacto com o nos-so grupo, tendo-se então juntado a outro grupo que mais tarde também buscas estava efectuando.

Ainda nos encontrávamos em plena Montanha, e uma chamada do Comandante ordenava o regresso imediato à Furna, pois o vento iria aumentar e as condições climatéricas não eram nada favoráveis.

De regresso à Furna, tiraram-se algumas fotos e bebeu-se um golinho de uma saborosa aguardente de amora, que um dos Bombeiros amavelmente nos cedeu (caíu bem e aqueceu um pouco!).

Na Furna, tomámos ligeira refeição e,passada meia hora,cerca das 10H3O, verificou-se o regresso ao Posto Comando, onde entre muitas pessoas havia lugar ao transporte de feridos até ao local onde iriam ser tratados.

Perto de um pequeno algar, o Rui Silva preparava-se para a descida (foto da página anterior). A descida iniciou-se perante o olhar atento de alqumas individualidades, designadamente o Secretário Regional da Administração Interna. Uma equipa da RTP-A colocou--se de modo a poder filmar a subida do nosso elemento.

Foram uma descida e subida rápidas, mas seguidas com certa curiosidade (de notar que, quando a RTP-A se aproximou, houve alguém que furou por entre todos os presentes, até desaparecer...)

Perante o aglomerado de entidades, uma delas disse: -Este ano quero subir o Pico. Prontamente, alguém retorquiu: -Para subires este Pico terias de deixar de fumar alguns três meses!. Então essa pessoa respondeu: - Se os outros sobem, por que não o poderei eu fazer!

Verdade. Se muitos o fazem, por que não certas individualidades o não farão? Apenas deve aconselhar-se a tentarem a subida em tempo de paz (Bom Tempo).

Missão cumprida, tomámos então ligeira refeição no Clube Naval da Madalena.Eram 15H00 do dia 16. As 19H00, fomos à Criação Velha, onde decorria o 1º FESTI-VAL DE GASTRONOMIA DO TRIANGULO. A entrada, admirámos alguns trajes antigos, além de outros objectos expostos. E houve lugar a um surpreendente jantar, onde só não comeu bem e à escolha quem estivesse de dieta. E havia música ambiente...

Já a noite ía longa quando regressámos ao Quartel, em companhia de elementos da Unidade de Socorro da C.V. de Angra.

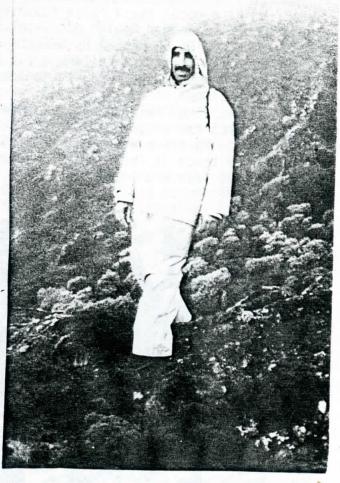
Ao alvorecer do dia 17, houve quem, ainda ensonado, visse o pico do Pico algo livre de nuvens e até afirmasse: -Hoje vou lá acima!. Mas o tempo depressa se encarregou de encobrir o pico e tais intentos foram por água abaixo...

Pelas 09H00, OS MONTANHEIROS seguiram para o Cais do Pico. Pelo caminho, um deles foi deixado no Aeroporto, por não estar na disposição de alimentar os peixes do Canal. Já no Aeroporto, verificou a existência de aviões militares ali estacionados. Não pensou duas vezes. Pediu boleia, que lhe foi concedida.Os outros 2 seguiram para a Corveta, que largou do Pico pelas 11H00.Com boa viagem!

Lá por cima, admirando a neve do pico do Pico,o outro Montanheiro iniciou o voo às 14H2O, tendo sobrevoado a Corveta, rumo à aerogare das Lajes. Em viatura da Força Aérea foi conduzido ao Posto Um, onde saíu sem qualquer controlo de identidade. Aliás, como se justificaria, se os seus documentos haviam ficado na sua viatura, estacionada em Angra desde o dia 15 ? (Riscos ou sortes...)

JOAO MANUEL MAGINA MEDINA

N.R.- O Montanheiro que escapou à RTP é conhecido por Stradivarius Software. E quem viajou de avião, foi o autor destas linhas!







#### O DOMINGO - 6 DE SETEMBRO O

# "ENTRE PICOS E VALES"

... ou Pico do Miradouro, o mais alto da ilha, fronteiro à caldeira da Agualva, de cujo cume, em dias claros, se vê toda a ilha, cercada de mar. (assim se refere ao Pico Alto o Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, na sua "TOPOGRAFIA", em 1843)



O Pico Agudo, autêntico miradouro celeste

A ilha Terceira é constituida por numerosos aparelhos vulcânicos, os quais deram lugar a emissão de lavas e saídas de abundantes projecções de granulometria diversa. Sob o ponto de vista estrutural, os referidos aparelhos podem ser agrupados em 4 complexos, que apresentam uma estrutura semelhante:são constituídos por
um aparelho vulcânico principal, circundado por numerosos cones
vulcânicos secundários formados de escórias, e por diversas saídas de lavas do tipo fissural, alinhadas ao longo das principais
fracturas da periferia.

Um desses aparelhos é o MACIÇO DO PICO ALTO (onde se desenrola o Passeio do dia 6 de Setembro)

Este maciço corresponde a um grande complexo vulcânico, sobretudo traquítico, com vários centros eruptivos. Parece ter tido uma caldeira primitiva, a SE da Criação da Rocha, que teria sido destruida ulteriormente e preenchida por lavas e projecções mais recentes. O ponto mais alto do Maciço, o PICO ALTO, atinge 808 m de altitude. (O Pico Agudo não lhe fica muito atrás, elevando-se a 789m acima do nível do mar).

Na sua parte N, os dois centros eruptivos mais activos foram o PICO ALTO e o Pico das Pardelas, cujos derrames traquíticos correram até à costa norte da ilha, entre o Biscoito Bravo e a Ponta da Furna.

Na zona do PICO ALTO, as lavas correram para W até ao vale da Ribeira do Azinhal, e para N, sendo o maior comprimento dos derrames entre o Pico Alto e a ponta da Selvagem da ordem dos 5 Km.

Na parte E, houve emissões de lavas nas áreas do Biscoito Rachado, da Caldeira da Agualva e do Pico do Boi. Os seus derrames correram para NE até à Agualva e, para E, até ao Portal das Rossas.

Finalmente, na parte S, os principais focos vulcânicos traquíticos estão localizados na área entre o Biscoito Rachado, a Terra Brava e as Furnas do Enxofre.

A S e SW do PICO ALTO, os aparelhos apresentam alinhamentos NE--SW e deram pequenos derrames que raras vezes ultrapassam 1,5 Km de comprimento.

As primeiras erupções que se deram neste MACIÇO DO PICO ALTO , pertencem pois à fase traquítica.



(extraído de "CARTA GEOLOGICA DE PORTUGAL, Notícia Explicativa da Folha Ilha Terceira,1971)

#### DUCUMENTUS VIVUS

O repto da montanha

Por William O. Douglas
Ministro da Suprema Côrte dos Estados Unidos

Veterano e entusiasta alpinista relata uma emocionante e inesquecível experiência de sua juventude

E STÁVAMOS EM 1913. Meu amigo Douglas Corpron, de 19 anos, e eu, que ainda não chegara aos 15, galgamos o pico do Kloochman, situado na cordilheira Cascade, no Noroeste dos Estados Unidos. Era uma rocha de lava, de forma oval, que se erguia a 650 metros acima da bacia do Tieton. Uma têrça parte de sua elevação era constituída de declives suaves, cobertos de pinheiros e abetos. De repente, porém, a rocha atirava-se abruptamente contra o céu, numa altura de 360 metros, erecta como um obelisco e mais alta do que a Tôrre Eiffel.

Tínhamos passado a noite num acampamento no vale. Fazia muito frio quando nos levantamos, às primeiras luzes da madrugada, para preparar na nossa frigideira o desjejum de trutas e pão. Não era nossa intenção subir a montanha mas, quando o sol tocou o cimo do Kloochman, sentimos como que um desafio descer de suas escarpas.

Havia caminhos relativamente fáceis que nos conduziam ao pico, mas nós escolhemos justamente o lado sudeste, por onde, eu creio, ninguém ainda havia subido. Douglas liderava e no comêço tudo parecia fácil. Nos primeiros 30 metros da escalada havia bordas de 15 a 30 centímetros de largura mas, aos poucos, elas se foram tornando mais

borda de apenas poucos centímetros de largura, o menor resvalar do pé ou da mão teria como consequência uma queda de 50 metros sôbre as rochas lá em baixo. Discutimos longamente a situação e Douglas resolveu saltar.

Êle me pediu, então, para transmitir uns recados, caso viesse a cair no abismo.

«Se eu cair, diga à mamãe que sempre a adorei. Que para mim ela é a pessoa mais admirável dêste mundo. Diga-lhe que não se preocupe, que eu não sofri—foi a vontade de Deus. Diga à minha maninha que, se fui um verdadeiro demônio para com ela, não foi por mal. Sempre gostei muito dela. E diga a papai que eu morri sem mêdo. Diga-lhe que sempre me orgulhei muito de ter um pai como êle e que eu esperava ser médico também, no futuro.»

Cada palavra de Douglas queimavame por dentro. Meus lábios tremiam e eu sentia o coração oprimido. Apertei o rosto contra a rocha a fim de que Douglas não percebesse minha emoção. Cerrei os olhos e pedi a Deus que o ajudasse naquele momento.

De repente, ouvi a voz do meu amigo, estranhamente alegre para a situação: «Bem, lá vou eu.»

Douglas colocou as palmas das mãos contra a rocha, curvou um pouco os joelhos, parou um segundo e saltou. Foi um salto de apenas 15 centímetros, mas o fato de ter sido dado sôbre um abismo de 180 metros, tornou-o peri-

estreitas, oferecendo pouco apoio para os pés. Tiramos os sapatos e avançamos apenas de meias. A fim de evitar qualquer rocha sôlta, examinávamos cuidadosamente, com os pés e as mãos, cada borda onde nos iríamos apoiar, antes de aplicar todo o pêso do corpo. Às vêzes, arrastávamo-nos, agarrados à pedra, para atingir a borda superior.

E já se tornava, muitas vêzes, difícil alcançar o ponto de apoio seguinte, que podia estar a apenas uns 30 cm acima. Tínhamos que colocar primeiro um joelho e depois, lentamente, o outro até que pudéssemos firmar sòlidamente o pé, enquanto as mãos agarravam-se às reentrâncias da rocha de la-

va. Avançamos, dessa maneira, cêrca de 180 metros em duas horas. A manhã já ia adiantada quando paramos para analisar a situação. A borda em que estávamos tinha apenas uns 7 ou 8 centímetros de largura e conduzia ao precipício. Não parecia haver outra acima de nós.

Um pouco acima do ponto em que Douglas estava, havia, no entanto, uma pronunciada fenda na rocha. Mas como poderia êle subir até lá? Eu não podia ajudá-lo, porque o meu equilíbrio era precário. Douglas tinha, pois, de saltar—e devia fazê-lo de um só pulo. Tinha de ser um salto seguro, porque, uma vez que êle estava numa



gosíssimo. A emoção passou imediatamente-Douglas lá estava, pendendo de uma borda larga e sólida. Como não havia onde firmar o pé, êle teria que se suspender pela fôrça dos braços. E o seu corpo subiu lentamente, como se puxado por um guincho invisível. Um momento depois êle se encontrava sôbre a bordare disse sorrindo: «Foi fácil.»

Um grande desapontamento seguiuse, porém. Não havia, para cima, qualquer outra borda que Douglas pudesse galgar. Enfrentávamos o verdadeiro pesadelo de ter de descer quase a pru-

mo aquela parede granítica.

Em primeiro lugar, Douglas tinha de descer de onde estava. Ele não ousava deslizar às cegas para a reduzida borda que deixara. Precisava do meu auxílio. Embora não me fôsse possível suportar todo o seu pêso, era necessário que eu exercesse suficiente pressão para ampará-lo na descida e guiar-lhe os pés em baixo, a buscar a borda em que antes estivera.

Douglas abaixou-se, agarrou-se às pedras e ficou pendendo, a corpo inteiro, os pés a uns quinze centímetros acima da borda. Coloquei minha mão direita na altura do seu rim e apliquei

tôda a fôrça para cima.

Douglas foi largando aos poucos e o pêso de seu corpo caiu todo sôbre o meu braço direito. A tensão era tanta que eu tremia. Minha mão esquerda agarrava-se a uma saliência da rocha como se fôsse um gancho. Meu estômago colava-se à pedra, como que a procurar fazer com que os seus poros servissem de ventosas.

E Douglas desceu uns três centímetros. Não pude evitar baixar os olhos para ver as rochas lá embaixo.

Desceu mais uns três centímetros e, a seguir, mais outros tantos. Minha mão esquerda parecia paralisada. Os dedos dos pés me doíam e meu braço direito tremia. Não poderia suportar aquêle pêso por muito tempo. Disse, então:

«Firme, Douglas. O ponto de apoio está logo à sua direita.» Éle escarvava a rocha com o pé, procurando o apoio salvador.

«Não encontro. Não me largue. Estou me sustentando só com a mão esquerda e isso não é bastante para me agüentar.»

Eu sentia que o momento culminante se aproximava. Em poucos segundos, não poderia mais agüentar e Douglas cairia pelo penhasco abaixo.

Não sei como consegui evitar que isto acontecesse. Apoiando-me por um momento sôbre o pé esquerdo apenas, guiei com a perna direita o pé do meu amigo até à saliência da rocha. Os seus dedos grudaram-se a ela como se fôssem garras.

«Você está bem?» perguntei.

«Estou,» respondeu Douglas. «Belo trabalho.»

Meu braço direito caiu, paralisado. Eu tremia de pura exaustão e tinha o rosto coberto de suor. Ficamos alguns minutos em silêncio, colados contra a rocha, descansando e recuperando energias.

A descida foi dificultosa, mas sem novidades. A tarde já ia pelo meio quando chegamos ao sopé da montanha. Prosseguimos em seguida para o outro lado da rocha, derrotados que fôramos pela subida do sudeste.

O nosso entusiasmo de jovens incitava-nos a aceitar o repto da montanha, custasse o que custasse. Escolhemos o lado noroeste, onde a rocha se levantava a 300 metros de altura. Depois de cuidadosos exames vimos que a nossa subida seria facilitada por inúmeras bordas onde poderíamos apoiar os pés e as mãos.

A certa altura da escalada, avancei por uma borda de fácil acesso, em direção ao sul e, em pouco tempo, me encontrava a uns 8 metros acima de Douglas e mais de 15 à sua direita. De repente, a pequena saliência em que me apoiava cedeu sob meus pés.

Ao sentir que a rocha cedia, agarreime desesperadamente a uma sólida fenda da montanha e lá fiquei, pendurado no ar, a 60 metros de altura. Gritei por socorro.

Douglas dirigiu-se, imediatamente, em minha direção, gritando: «Agarrese com fôrça! Já vou para aí!»

Grudei as mãos na pedra, com tôdas as fôrças de que dispunha. Meus dedos, pulsos e braços doíam de modo torturante. Cada segundo parecia um minuto; cada minuto, uma hora.

«Vou cair,» pensei, «vou cair e morrer.» Parecia-me estar vendo as rochas lá em baixo, atraindo-me para elas. Meus dedos começaram a ceder.

E o mêdo me dominou. A idéia de estar pendente a 60 metros sôbre um abismo provocou em mim um verdadeiro pânico. Tentei gritar novamente, mas as palavras ficavam-me prêsas na garganta. Era como num pesadelo, em que o grito não sai e a gente tem a certeza de que o perigo se aproxima.

De repente, passou pela minha memória uma cena familiar. Minha mãe estava na sala, contando-me que homem admirável tinha sido meu pai. Falava-me de sua doença e morte. Repetia-me suas últimas palavras, após a operação fatal: «Se eu morrer, será a glória. Se eu viver, será uma graça de Deus.»

A lembrança dessas palavras restituiu-me a razão. Não podia compreender por que seria uma glória morrer. Viver, sim, era a glória. Mas, como meu pai dissera, só era possível a vida por uma graça de Alguém, de Alguém que fôsse mais poderoso do que eu e do que Douglas. E eu rezei, novamente, aquêle dia. Pedi a Deus que me desse coragem, que me desse fôrças para fazer o impossível. «Meu Deus, ajude-me a segurar-me aqui, neste momento!»

Senti que o meu pé esquerdo estava sendo empurrado para cima. Como num sonho, a voz de Douglas soou bem perto de mim: «Seus pés estão meio metro abaixo de uma fenda.» Douglas ajudou-me a botar os pés nesse apoio. Fiz um esfôrço e descansei então os cotovelos na fenda, onde minhas mãos tinham estado agarradas. Flexionei os dedos e girei os pulsos para trazê-los de volta ao normal.

Foi logo depois do ponto em que Douglas me salvara a vida que descobrimos uma passagem para o tôpo do Kloochman, a qual se tornou, depois, o caminho obrigatório para os alpinistas. Era uma espécie de vale natural de alguns pés de largura, formado por três paredes e escavado a pique na rocha, quase até o cume. Calçados só de meias, subimos por êsse caminho, firmando as mãos e os pés contra as paredes opostas.

Quando alcançamos o alto, o sol já se escondia no horizonte. Sentíamonos alegres e leves de espírito. Falamos sôbre as belezas do mundo estendido a nossos pés. Gritamos para os campos lá em baixo, como se tivéssemos conquistado a maior das vitórias.

Sôbre o pico do Kloochman, naquela tarde de julho, eu e Douglas compreendemos o grande valor da vida, porque sentíramos a morte bem perto de nós. E que coisa gloriosa e admirável era o fato de estarmos vivos, respirando o ar da montanha, movimentando os músculos no espaço, gritando para o silêncio das alturas, vendo a paisagem que desaparecia no crepúsculo.

#### BIDESPELEDLOGIA



# ADAPTAÇÕES DOS INSECTOS AO ECOSSISTEMA CAVERNÍCOLA 5- Fauna Cavernícola da ilha S. JORGE

Por: PAULO A. V. BORGES (\*)



Na sequência de artigos anteriores publicados nesta mesma revista e dedicados à fauna cavernícola dos Açores, dedicamos agora este artigo à fauna de artrópodes cavernícolas (Troglóbios) da ilha de S. Jorge (Açores).

Esta ilha recebeu duas expedições Biospeleológicas, mais concretamente as Expedições Bioespeleológica Internacionais aos Açores financiadas pela National Geographic Society e dirigidas pelos Profs. P. Oromí (Universidade de La Laguna, Canárias) e P. Ashmole (Universidade de Edimburgo, Escócia) (Julho-Agosto de 1987 e 1989).

Sendo uma ilha com cerca de sete (7) tubos de lava e cinco (5) algares conhecidos, não é, de facto, das ilhas mais ricas em termos vulcanoespeleológicos dos Açores.

Por outro lado trata-se de uma ilha geologicamente recente, tal como todas as ilhas do grupo central. ABDEL-MONEM et al. (1975) estimam em cerca de 550 000 anos a idade desta ilha.

No entanto, os resultados biospeleológicos obtidos até à presente data não deixam de ser notáveis, com a descoberta de alguma espécies de artrópodes bem adaptadas ao meio subterrâneo (ditas Troglóbias) e endémicas da ilha de S. Jorge. É assim de considerar a necessidade de uma exploração biospeleológica mais efectiva das cavidades vulcânicas desta ilha.

Seguindo a mesma metodologia de BORGES (1991) passaremos agora a listar as espécies cavernícolas conhecidas de S. Jorge (Os dados espeleométricos foram retirados de BORGES et al., em impressão):

#### 1- GRUTA DA BEIRA

Localização= Beira (S. Jorge); Altitude = 275 m; U.T.M.= 3952/42839.

Comprimento= 183 m; Altura= 2,50-10,0 m; Largura= 2,50-15,0 m.

FAUNA: Duas espécies troglóbias foram encontradas neste interessante tubo de lava, o Pseudoescorpião *Pseudoblothrus oromii* Mahnert e uma espécie de Crustaceo Isópodo (*Trichoniscidae*) n. gen. n. sp. que ainda se encontra a ser descrito (ver BORGES & OROMÍ, em impressão).

358

#### 2- ALGAR DAS BOCAS DO FOGO

(Bocas de St. Amaro)

Localização= Lixeira de St. Amaro (S. Jorge); Altitude= 521 m; U.T.M.= 3982/42817.

Comprimento= 55,3 m; Profundidade=-12,0 m; Largura=30,00-50,00 m.

FAUNA: Durante a última das expedições biospeleológicas realizadas à ilha de S. Jorge (Agosto de 1989), foi capturado nesta bonita cavidade vulcânica um Carabídeo troglóbio, o Trechus jorgensis Oromí & Borges. Infelizmente apenas foi capturada uma fêmea pelo que será necessário um esforço de amostragem suplementar para encontrar machos e assim conhecer-se melhor esta espécie.

Pelo que acima se descreveu, poderemos afirmar que a fauna cavernícola da ilha S. Jorge possui um grande interesse não só como património natural mas igualmente porque toda a sua biologia e dinâmica ecológica está ainda por estudar.

A ocorrência de três espécies troglóbias endémicas desta ilha torna aliciante futuros estudos biospeleológicos que porventura se venham a realizar num futuro próximo. De realçar ainda a urgência de capturar um macho de *Trechus jorgensis* Oromí & Borges, sendo neste aspecto talvez interessante a exploração e estudo do Algar do Montoso, um algar com dimensões semelhantes ao 'Algar do Carvão (Terceira).

#### BIBLIOGRAFIA

ABDEL-MONEM, A.A., L. A. FERNANDEZ & G.M. BOONE (1975). K-Ar ages from the eastern Azores group (Santa Maria, S. Miguel and the Formigas Islands). Lithos, 8: 247-254.

BORGES, P. (1991). Adaptações dos Insectos ao ecossistema Cavernícola. 3- A fauna Cavernícola da ilha Terceira. Pingo de Lava, 7: 4-7.

BORGES, P. A. V. & P. OROMÍ (em impressão). The Azores. In. JUBERTHIE & DECU (Eds.) ENCYCLOPAEDIA BIOSPELEOLOGICA. Sociétè de Biospéleologie, Moulis.

BORGES, P., A. SILVA & F. PEREIRA (em impressão). Caves and pits from the Azores with some comments on their geological origin, distribution and fauna. Proceedings of the 6th International Symposium on Vulcanospeleolgy.

<sup>(\*)</sup> Universidade dos Açores, Departamento de Ciências Agrárias -Terra Chã, 9702 Angra do Heroísmo. Terceira, Açores, Portugal.

# SALA-MUSEU DE OS MONTANHEIROS

Ao longo das suas três décadas de existência,OS MONTANHEIROS foram reunindo um vasto espólio de exemplares de origem vulcânica,recolhidos nas grutas e algares que vêm explorando desde a década de 60 e a cuja inventariação se têm ultimamente

dedicado, a bem dos Açores.

Na sua antiga Sede (na rua de São João), existira um pequeno e rudimentar espaço onde essas amostras eram conservadas e dadas a conhecer aos interessados. Com o sismo de 1980, a Sede ficou inabitável e assim também o mini-museu lá existente, havendo que esperar alguns anos pela construção da nova Sede, a actual ( edifício novo, com amplas salas, uma das quais planeada para futuro museu).

De há muito desejado, o Museu foi finalmente colocado em agenda para ser im-

plantado no 1º semestre de 1992 e inaugurado aquando das Sanjoaninas.

E foi o que aconteceu no passado dia 18 de Junho, quando foi oficialmente inaugurada a nossa Sala-Museu, em sessão realizada pelas 14H30 e presidida por um representante da Direcção Regional dos Assuntos Culturais (drª Graça Cardoso), entidade que apoiou em cerca de 1/5 do custo total da obra; também se deverá referir aqui o município angrense, que igualmente contribuiu para a obra. Mais nenhuma entidade oficial (embora para tal lhes fosse solicitado) colaborou no esforço financeiro que esta construção implicou. Em números redondos, o implante deste Museu orçou em mil e trezentos contos, o que obrigou a Sociedade a recorrer ao "saco-azul", tão necessário para qualquer eventualidade, designadamente o custeio de explorações espeleológicas em outras ilhas (a propósito, refira-se que, devido a estes gastos extraordinários, ficou por realizar uma Missão prevista para 6 a 10 de Junho à ilha do Pico, já que não se conseguiu obter apoio para essa iniciativa, pelo menos ao nível do transporte da equipa de exploração).

Estes factos e outros foram mencionados pelo presidente Aguiar Silva,na sessão solene,para além da homenagem a José Machado Fagundes (um dos sócios fundadores

da colectividade), representado pela viúva D. Rosa Fagundes.

OS MONTANHEIROS agradecem as palavras de apoio proferidas pela drªGraça Cardoso,que considerou esta inauguração como criação de um espaço de inegável interes-

se para ser incluido no roteiro do ensino ministrado nas nossas escolas.

Para que esta Sala-Museu fosse uma realidade, é de toda a justiça referir aqui algumas pessoas, à frente das quais aparece Germano Simas, que idealizou e concebeu o corpo principal da Sala e se aplicou denodadamente para que a respectiva execução (na qual colaborou) se tornasse efectiva e perdure para as gerações vindouras. Também, Renato Costa e Silva, que modelou o morcego (em grés) que encima a desig-

nação do Museu, e o ofereceu à Sociedade;o mestre Abel Teixeira que,embora de empreitada,em apenas 2 semanas,conseguiu recuperar o móvel de centro desta Sala;o senhor Virgínio Carvalho que lixou o pavimento da Sala; Tristão Angrade,que ofereceu o brazão da Região e Rei Bori,pela magnífica colecção de moedas,de que alguns exemplares estão expostos;considere-se ainda o morcego (em madeira) há algum tempo oferecido por mestre Levinho.

Todas estas pessoas não fazem parte dos Corpos Gerentes, pelo que não poderíamos deixar de realçar os seus actos.



Secção da Sede da Rua de São João, onde se guardavam as amostras vulcânicas

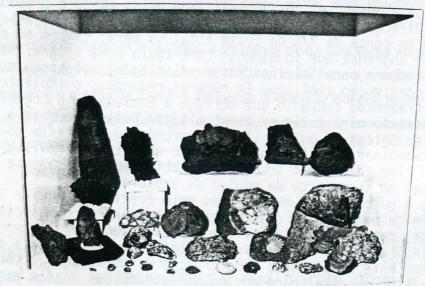


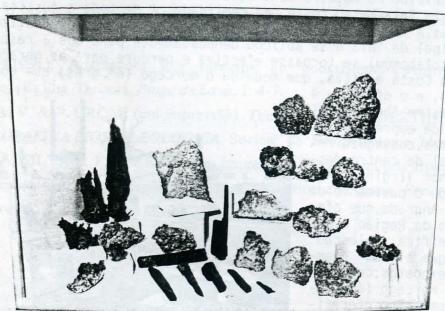


# MUSEU YULCANDESPELE

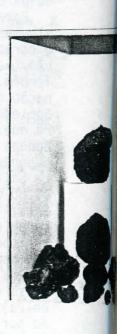
Saliente-se também o esforço dos elementos constitutivos dos Corpos Gerentes de OS MONTANHEIROS que deram o seu melhor para que fosse possível inaugurar este Museu na data prevista.

Fica, assim, a Ilha Terceira e a Região Autónoma dos Açores dotada de mais um estabelecimento que, para além de todo o benefício cultural que prestará à comunidade, constitui um atractivo para o TURISMO e funcionará como um alerta para a nacessidade de protecção ao AMBIENTE natural(as cavidades vulcânicas não poderão ser depósitos de lixo).













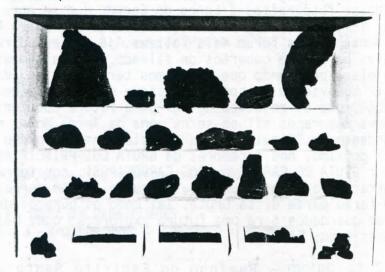
Nestas páginas centrais deste número, figuram fotos de algumas das vitrinas-expositores dos exemplares vulcânicos recolhidos por OS MONTA-NHEIROS (são 11 na sua totalidade).

Ao centro da Sala, figura um móvel, em cuja parte superior (sobrevivente do antigo móvel da rua de S.João) se podem observar magníficas fotografias (iluminadas em findo) de paisagens e tubos vulcânicos e não só.

Na Sala,e em apoio ao Museu,figura um Anexo (ladeando o Mapa com as referências às grutas e algares da Região) e em cujo Video se poderão visionar as filmagens feitas por OS MONTANHEIROS.









Dois antigos Montanheiros,já falecidos:José Machado Fagundes e Luis Rafael Azevedo;este legou seu nome ao largo junto ao Algar do Carvão;aquele,fica recordado neste Museu



#### TRABALHUS DE CAMPO

O DIA 31 DE MAIO - Reconhecimento de terrenos e prospecção de grutas (José Maria, Odília Teixeira, Fernando Pereira e Nuno Freitas):

Início da caminhada pelo marco do avião (?) para se efectuar um reconhecimento entre a "Vereda do Avião" e a "Lomba Grande"(776m), na encosta da Serra de Santa Bárbara: pela Ribeira da Ponte, facilmente se chegou à encosta da Lomba Grande e, depois, à Rocha da Cabreira, que apresentava alguns desabamentos para a ribeira e estava quase toda recoberta de densa vegetação, pelo que pouco se viu desta Rocha, embora ela esteja bem demarcada em mapas muito antigos (século passado e princípios deste século.

Partindo para outros reconhecimentos, fez-se pequena paragem no Pico Gaspar (ou Pico da Craca, 597m), seguindo-se depois para a zona do "Cerro" (Altares), tirando-se fotografias à Lagoa do Cerro, que se apresentava com pouca água.

Por fim, fez-se uma prospecção na área da "Terra Mole" (Biscoitos). Nesta zona os 4 Montanheiros foram mais felizes, já que encontraram 3 "buracos", rodeados de singelas paredes e cobertos de silvado. Após algum esforço, logrou-se entrar em todos eles, parecendo que os mesmos teriam continuidade em gruta, e ligarem entre si; todavia, o pessoal não estava devidamente equipado para uma rigorosa exploração, que se resolveu deixar para futura oportunidade.

Estes 3 buracos situam-se na zona da Terra Mole, mais propriamente na área circundante do "Piquinho Cura" e relativamente perto do "Morro da Azenha"

Ali próximo, nos arredores da GRUTA DOS PRINCIPIANTES (conhecida nos Biscoitos por GRUTA DO CARVAO ou DOS CARVOEIROS), nos terrenos denominados de "Paul", encontraram-se mais 3 buracos, os quais também pareciam ter continuidade e certamente farão parte desta Gruta. Tal como os buracos da Terra Mole, também estes ficaram guardados para uma futura exploração que, mais exactamente, concretizasse estes tubos lávicos.

O DIA 7 DE JUNHO - Domingo do Espírito Santo - Exploração dos buracos encontrados uma semana antes, na área do Paul e da Terra Mole.(José Maria, Odília Teixeira, Fernando Pereira e Luis Parreira)

Começou-se por uma das aberturas junto ao Morro da Azenha, que faz ligação a

outras 2 aberturas, estas mais próximas do Piquinho Cura.

Com cerca de 200m de comprimento, esta Gruta tem características algo diferentes das vizinhas, correndo a água em toda a sua extensão (o que, certamente,apenas acontecerá na época das chuvas).

Existe nela uma bela cascata de água, com cerca de 2 metros de altura,o que

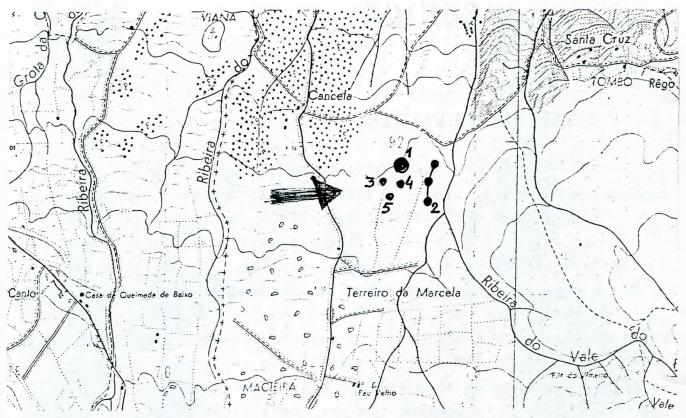
logo levou a baptizá-la de "Gruta da Cascata".

Esta Gruta da Cascata apresenta também características formações de lava,destacando-se um tubo idêntico ao da Gruta das Agulhas, com cerca de 90 metros,para onde se dirige a água proveniente da cascata; por cima deste, existe outro pequeno tubo de lava, bastante baixo (quase rastejante), indo terminar num desabamento.

Um pouco antes da cascata, existe um pequeno buraco, de 40cm de largura, no chão da gruta, onde, a metro e meio de profundidade e num comprimento de 10 metros, se pode observar a água correndo por debaixo do pavimento lávico da Gruta da Cascata.

Finda a exploração da Gruta da Cascata, passou-se à zona do Paul, mais concretamente na área da Gruta dos Principiantes. A cerca de 50 metros da entrada desta Gruta, existe uma cova, com 6 a 7 metros de diâmetro, com entrada para 3 tubos lávicos:

- o primeiro destes tubos de lava, com 35 metros de comprimento, dirige-se



Recorte da Carta Geográfica da Ilha Terceira, onde estão assinalados os buracos referidos no texto relativo a estes Trabalhos:

1 - GRUTA DOS PRINCIPIANTES 2 - Gruta da Cascata; 3 - troço de 166m; 4 - de 35m; 5 -de 34m

para a entrada da Gruta dos Principiantes, e encontra-se obstruido no seu final, com terra transportada pela água das chuvas;

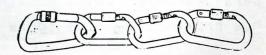
- o segundo, também pequeno, com 34 metros de comprimento, apresenta belos pormenores de lava, encordoada e AA;
- o terceiro buraco, o maior de todos, tem 166 metros de comprimento (até onde foi possível chegar, já que, na sua parte final é rastejante ), parecendo todavia ter continuidade.

Dada a hora tardia do dia e a algum cansaço dos exploradores, não foi possível chegar ao final desse rastejo, ficando para outra oportunidade essa tarefa.

Este terceiro tubo é o mais interessante, com lindas formações vulcânicas nos tectos e pequenos corredores de lava AA e em torvelinho (pahoehoe). Em vários pontos deste troço, vê-se a luz do dia, entrando por pequenos orifícios, rodeados de pedras e cobertos de silvado.

Estes 3 tubos lávicos complementam a Gruta dos Principiantes que, deste modo ficará com uma extensão de 480 metros no seu total, pelo menos, já explorados.

No regresso à viatura, passou-se por mais alguns pequenos buracos,que se julga tratar-se de mais entradas para outros tubos de lava, tão abundantes nesta área da freguesia dos Biscoitos,e cuja exploração ficará para outra oportunidade.



# ESPELEUTÉCNICA



Prof.PARDAL

#### 3. A ESPELEOLOGIA VERTICAL

A espeleologia vertical consiste na descida e subida de cavidades em que se usa a corda e escadas de mesmo material ou de cabo de aço,e âinda outros equipamentos que iremos descrever nesta área.

O espeleólogo dos nossos dias tem a possibilidade de descer e subir com o mínimo de apoio possível, e dentro do objectivo que ele pretenda para o caso concreto que se lhe depare.

Mas, nem sempre tudo foram "rosas" no domiínio da espeleologia vertical. Assim, e conforme se lê nalguns documentos deixados pelos nossos antepassados, ligados à espeleologia ou simples aventureiros, as primeiras descidas eram feitas "a pão-de-milho", ou seja, o indivíduo era atado pela cintura com uma corda enquanto que os companheiros, na abertura da cavidade, o desciam ou içavam aos gritos de comando do mesmo.

Também se poderia dar o caso de se atirar uma corda para o interior de um "buraco", e o nosso espeleólogo ter que contar somente com a força de braços para as descidas e subidas.

São exemplos destas descidas:

- a célebre gravura do Príncipe do Mónaco na exploração da Furna do Enxofre, na Caldeira da Ilha Graciosa;
- uma descida ao Algar do Carvão, na Ilha Terceira, em 1934, conseguida por Didier Couto e com planta pelo mesmo executada;
- e ainda, mais recentemente, em 1979, uma descida à Furna Abrigo, na Ilha do Pico, efectuada por Aguiar Silva, aquando do salvamento de um cidadão portorriquenho que lá havia caído (caso que, aliás, foi evocado nas páginas do nº 7 de "PINGO DE LAVA").

Além deste sistema, havia também a chamada escada de corda com degraus de pau, a qual, por ser curta e pesada, servia apenas para descidas pequenas, da ordem dos 10 metros.

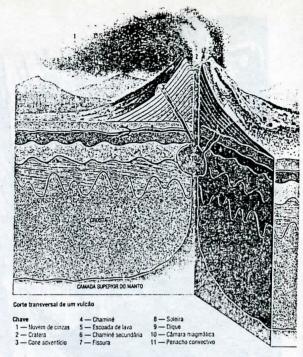
Somente no início dos anos 70 se começa a generalizar a utilização de técnicas que dispensam as escadas, usando-se uma única corda para descer e subir, reduzindo-se o material utilizado. Escreveremos nos próximos números sobre este material, descidas e subidas.



Ilha Graciosa...
a gigantesca gruta da Caldeira, um lago subterrâneo...
O nome de Alberto está registado
na fabulosa «bolha» vulcânica.
Ele esteve lá...

#### SABIA QUE...

- vos, em todo o Mundo, é de 850, muitos dos quais são submarinos. A maior concentração activa situa-se na Indonésia, onde 77 dos seus 167 vulcões tiveram erupções em épocas históricas. O nome vulcão deriva do da ilha de Vulcano (do deus fogo -Vulcano), actualmente em repouso, das ilhas Eólias ou Lipárias, a N da Sicília...
- A maior explosão (possivelmente desde a de Santorini, no mar Egeu, 1470 a.C.), o-correu cerca das 10h (hora local) ou 3h (TMG), em 27 de Agosto de 1883, com uma erupção em Cracatoa, uma ilha (na altura com uma superfície de 47 Km²), no estreito de Sonda, na Indonésia. A onda causada eliminou um total de 163 aldeias,



e vitimou 36.380 pessoas. Foram ejectadas rochas a 55 Km de altura e cairam poeiras a 5.330 Km de distância 10 dias depois. A explosão foi registada 4 horas mais tarde na ilha Rodrigues, a 4.776 Km, como o "troar de canhões pesados", e ouviu-se em 1/13 da superfície terrestre. Calcula-se que tenha sido 26 vezes mais potente do que a maior detonação experimental da Bomba H...

- ... A quantidade total de matéria expelida pela erupção do Tambora, um vulcão situado na ilha de Sumbawa, na Indonésia, em 5-7 de Abril de 1815, foi avaliada em 151,7 Km². A energia da erupção, que fez baixar a altura da ilha de 4.100 para 2.850m foi de 8,4x10²6 ergs. O vulcão perdeu cerca de 1.250m de altura e formou-se uma cratera com 11 Km de diâmetro. Compare-se isto com os cerca de 62,5 Km³, expelidos pelo Santorini e 18 Km³ expelidos pelo Cracatoa. A pressão interna que a erupção do Tambora provocou foi avaliada em 3.270.000 Kg/cm²...
- ... A maior caldeira ou cratera vulcânica do Mundo é a do monte Aso (1.590 m ) em Kyushu, no Japão, que mede 27 Km no sentido N-S, 16 Km no sentido E-W, e 114 Km de perímetro...
- ... <u>O vulcão mais alto extinto</u> do Mundo é o cerro Aconcágua (sentinela de pedra) 6.960m no lado andino da Argentina. Escalou-o pela lª vez, em 14 de Janei-ro de 1897, Mathias Zurbriggen, e foi o mais alto cume atingido em todo o Mundo, até 12 de Junho de 1907...
  - ... O vulcão mais alto considerado activo é o Antofalla (6450m) na Argentina, embora haja uma comunicação mais exacta em relação ao Guayatiri (6060m), no Chile, que teve uma erupção em 1959...
    - .. A torrente de lava mais longa da época histórica, denominada pahoehoe (solidificações retorcidas em cordão), é resul-

tante da erupção de Laki, em 1783, na Islândia, tendo a lava percorrido 65-70 Km. A maior torrente de lava pré-histórica é a basáltica de Roza, na América do Norte há cerca de 15 milhões de anos (480 Km de comprimento, área de 40.000 Km² e um volume de 1.250 Km³, nunca ultrapassados)...









#### O DOMINGO - 20 DE SETEMBRO O

# O ASSOMBROSO PICO RACHADO"

Houve três épocas de aparição de terrenos vulcânicos na ilha Terceira:

- lª Uma época de formação traquítica, a mais antiga, base em que assentam todas as outras, tendo uma enorme espessura e que constitui o esqueleto das montanhas mais elevadas e íngremes, tais como a de Santa Bárbara e a central, entre Angra e a freguesia da Agualva;
- 2ª Uma época basáltica, que se sobrepôs à traquítica, e que modificou os contornos das montanhas já existentes, nivelando as depressões e acrescentando as encostas inferiores de uma inclinação moderada;
- 3ª Uma terceira época, de nova erupção de rocha traquítica, que veio cobrir em muitos lugares a basáltica anterior. No norte da ilha, desde a freguesia dos Altares, e mesmo entre Angra e aquela freguesia, encontra-se esta nova formação debaixo da forma de poderosas lavas traquíticas que, para o seu aparecimento, não careceram de grandes cones vulcânicos, mas sim de baixos outeiros ou cabeços de onde surgiram as magestosas torrentes de lavas que cobriram todo o espaço compreendido entre a Agualva e a Serreta.

Foram, sem dúvida, os desmoronamentos destas lavas que formaram grandes colinas completamente constituidas de bagacina, ora pretas ora vermelhas,e que hoje constituem o PICO RACHADO, Pico Negro, Picos Gordos, da Bagacina e pico da Serreta.

Deve-se também atribuir a esta mesma época de formação a existência das rochas alongadas que se elevam dos dois lados destes outeiros.

(in MEMORIA SOBRE A ILHA TERCEIRA, Alfredo Sampaio, 1904)

368

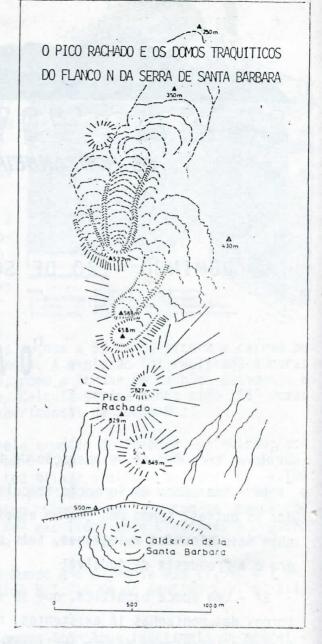
"No flanco N da Serra de Santa Bárbara existem três grupos de aparelhos vulcânicos:

- Um de orientação NW-SE, constituido por 7 aparelhos contíguos e cujas lavas correram para N até à Ponta da Serra formando pequenos derrames estreitos e paralelos, cujo comprimento máximo atinge os 1.750m. Trata-se de traquitos com anortose, piroxena sódica e pasta parcialmente vítrea;
- Um 2º alinhamento apresenta uma orientação N-S: é constituido por 5 ou 6 aparelhos vulcânicos ou saídas de lavas, entre os quais o principal é o PICO RA-CHADO. O comprimento máximo dos derrames atingiu pouco mais de 2,5 Km. Trata-se de traquitos com fenocristais de feldspato alcalino e piroxena sódica;
- Um 3º foco vulcânico está localizado a SE do Raminho. As suas lavas correram para N numa distância de pouco mais de 1,5 Km. Trata-se de traquiandesito, que passa a traquito porfírico com fenocristais de anortose e oligoclase, pasta com aegirina, augite, feldspato, etc..

Quanto ao complexo basáltico, nas vertentes exteriores e na periferia do maciço de S.Bárbara existem derrames de lavas basálticas, muitas vezes cobertas por materiais piroclásticos mais recentes.

Há que citar,a N da Serra, os diversos afloramentos das áreas do Raminho, Altares e Biscoitos..."

(in "CARTA GEOLOGICA DE PORTUGAL, Notícia Explicativa da I.Terceira)





Os participantes de "A ROTA DO AÇOR" que, em 1990, escalaram o Pico Rachado, fotografados iunto ao marco do mesmo.



#### GRUTAS E ALGARES DOS ACORES

- ILHA DO PICO -

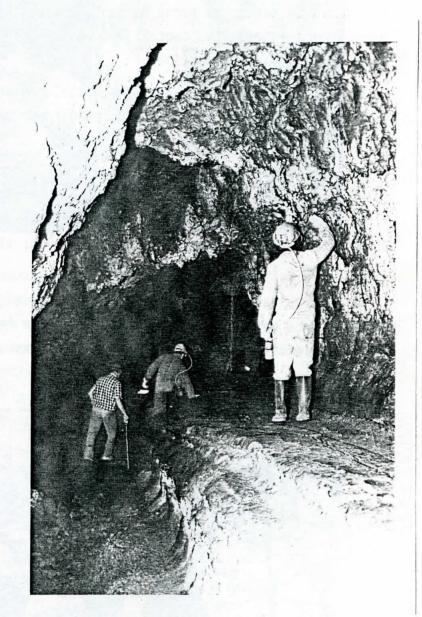
#### GRUTA DO SOLDÃO

A GRUTA DO SOLDÃO (também conhecida por DA MALHA) localiza-se na Ilha do Pico, Mistério da Silveira, campo de lavas tipo AA, a uma latitude de 38° 24′ 44″ e uma longitude de 28° 19′ 04″, sendo a altitude da entrada de 10m e os azimutes os seguintes: Ponta dos Casteletes (135°) e Igreja das Lajes (125°).

Na sua totalidade, este tubo lávico tem cerca de 1,5 Km de comprimento, não possuindo qualquer ramificação.

E proveniente das erupções do Cabeço do Fogo (478m de altitude), cujas lavas atingiram a costa numa frente com cerca de 3 Km, entre São João e Silveira.

A entrada na gruta pode efectuar-se por duas bocas: a



Um aspecto da Gruta ( ARCOSPEL-91,10 de Junho)

lª do lado do mar, resultado de um escape de gases, muito estreita,e que vai dar a uma bancada/terraço com um desnível de cerca de 5m; a 2ª, proveniente de desabamento da abóbada, tem cerca de 4x6m e 6m de altura, indo dar a uma rampa de pedras e algum lixo.

Notam-se nesta Gruta várias formações características deste acidente vulcâni-

co: pequenas cornijas, bancadas/terraços, pequenas estalactites de refusão. O pavimento é de lava tipo AA, bastante rugosa e áspera.

Existem alguns rastejos de dificuldade acentuada, em alguns pontos deste tubo.

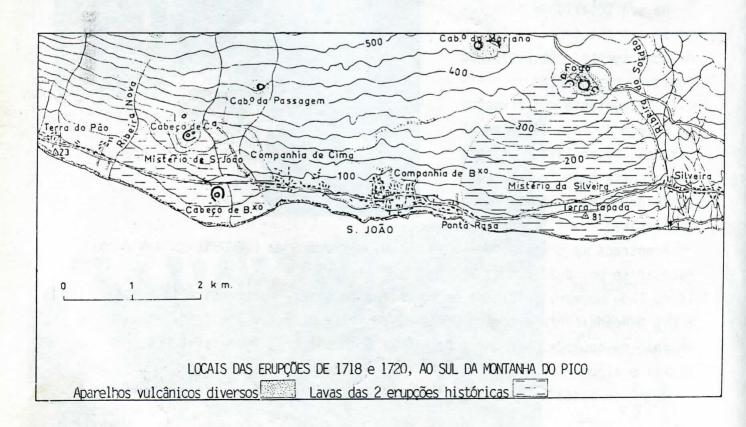
Em vários troços, existem desabamentos, onde se pode constatar que esta gruta deve ter sido proveniente de uma corrente de lava que terá aberto caminho através de campo de lava escoriácea existente posteriormente; isto porque, nos desabamentos, aparecem blocos de rocha de pequena espessura seguidos imediatamente de lava vermelha escoriácea ( ao contrário da GRUTA DO MONTANHEIRO e também da GRUTA DE FREI MATIAS, nesta mesma Ilha).

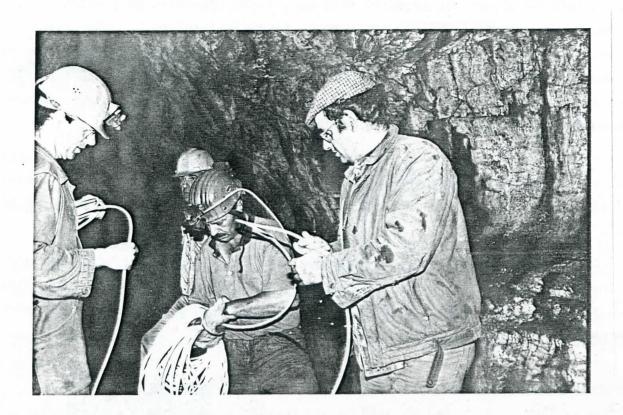
Existem, em determinado ponto da Gruta, inúmeras raízes provenientes da vegetação (faias de incenso), as quais, penetrando pelas fendas das abóbadas, dão um aspecto de singular beleza.

Quanto à fauna, existem, pelo menos, Homópteros - Cixiidae - trogloxeno, recolhidas aquando da MISSÃO MONTANHA-90, efectuada de 3 a 11 de Março.

Durante esta Missão, efectuaram-se medições em cerca de metade deste tubo lávico: como altura máxima, registaram-se 5,96m; altura mínima, 0,40m; largura máxima: 5,39m e largura mínima, 0,43m.

No decurso da ARCOSPEL-91, filmaram-se cerca de duzentos metros desta Gruta, justamente os mais próximos da costa, na parte terminal do tubo, envolvendo esta operação elementos de OS MONTANHEIROS e picoenses interessados por estes aspectos.





Na foto acima, Luis Vasconcelos, José Maria e Luis Pimentel, dentro da gruta, na espinhosa tarefa de enrolamento do fio condutor da electricidade que permitiu as filmagens do tubo. Na gravura abaixo, confratermiza-se, no exterior da Gruta do Soldão, podendo distinguir-se o Luis Vasconcelos, o Fernando Pereira e os Zés Marias (o Montanheiro e o condutor da viatura que nos levou ao Mistério da Silveira e não só!)



A Câmara Municipal das Lajes do Pico demonstrou interesse em visionar essas filmagens, que OS MONTANHEIROS prontamente disponibilizaram. E, como resultado desse visionamento, a edilidade picoense manifestou interesse no sentido de se estudar a viabilidade da utilização deste tubo de lava como futuro ponto turístico da Ilha e do concelho, para o que solicitou a OS MONTANHEIROS que efectuassem um estudo completo da Gruta do Soldão, com vista a esse fim.

E esse era precisamente um dos objectivos a que nos propunhamos, caso tivesse sido efectuada a Missão programada para od dias 6 a 10 de Junho passado, inviabilizada pelos motivos já apontados na primeira página deste número de PINGO DE LAVA.

Ficaremos aguardando outra oportunidade para, de bom grado, procedermos a esse trabalho, no sentido de dotar o concelho das Lajes do Pico não só de um atractivo para o Turismo, como também como o propósito de contribuirmos para o enriquecimento da História dos Açores.



OS MONTANHEIROS em plena GRUTA DO SOLDÃO, durante a missão ARCOSPEL-91.

# ACTIVIDADES3



#### NO TRILHO DA LAGOINHA

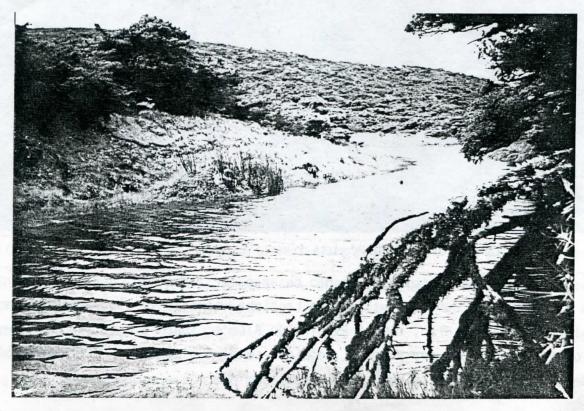
#### RESCALDO

As condições atmosféricas mostraram-se favoráveis para este Passeio. Apesar de não estar um Sol de Verão, o dia apresentava-se convidativo para se cumprir mais uma caminhada integrada na ILHA VIVA.

As 09H3O do dia 24 de Maio, os 15 caminhantes partiram em caravana-auto até à Canada da Fonte (Serreta). Ali se tirou a foto do grupo e se deu,então,início ao Passeio, eram 10H15.

Subindo pelo Trilho dos Funis, fomos sair ao Pico da Ruivinha, continuando o percurso até à estrada que passa junto ao Pico da Lagoinha, a qual se apresentava com o piso em péssimas condições, servindo somente para percursos a pé.

Caminhavamos havia apenas uma hora, sendo ainda muito cedo para se subir à Lagoinha. Como não havia nevoeiro, pensou-se então em fazer alteração ao percurso inicialmente teaçado, já que se tratava de um grupo pequeno de participantes e todos em boas condições físicas para aguentar um passeio mais prolongado.



Um aspecto da LAGOA ALTA

14

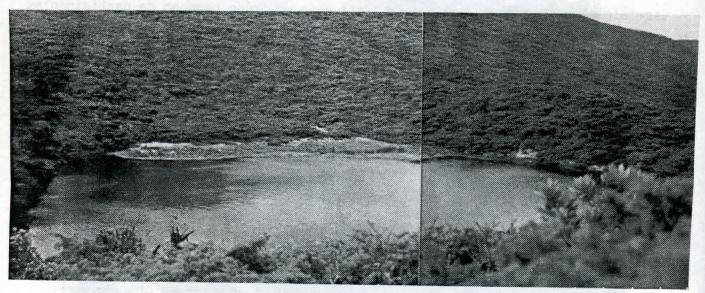
Optou-se, então, pela subida para a LAGOA ALTA (ou DO PINHEIRO)(911m), pelo lado dos "Carregadoiros Furados", um pouco acima do Pico do Tamujo de Cima" (Raminho) (687m).

Junto à Lagoa Alta, tiraram-se algumas fotos, seguindo-se de imediato para a Nascente da Caldeirinha, onde se chegou precisamente ao meio-dia; de lá,apro-veitou-se para apreciar a bela panorâmica sobre as freguesias do Raminho e dos Altares, como também sobre a Serra do Peneireiro, Pico Rachado, Pico Redondo e tantos outros pontos.

Junto à Nascente, os participantes agruparam-se para o almoço. Como estava muito frio, aquele foi rápido, retomando-se a caminhada em direcção ao "Buraco" (966m), sempre pela berma da Caldeira; lá do alto, viu-se a beleza do interior da Serra de Santa Bárbara, o Canadão, o Vale dos Leões, a Lagoa Negra; esta, a-presentava-se quase seca.

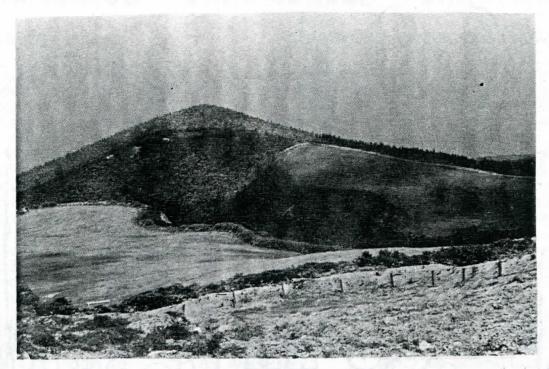
Sempre fustigados por fortes rajadas de vento, demos início à descida para o Pico da Lagoinha (786m), cerca das 13H00. O céu apresentava-se nublado, mas a visibilidade ainda era boa, avistando-se perfeitamente, lá do alto, a linda LAGOINHA. Deu tempo para se tirarem apenas duas ou três fotos, já que o nevoeiro surgiu tão rapidamente que, num instante, toda a Serra ficou encoberta.

Com nevoeiro e alguma chuvinha, tocada por forte vento, fizémos o que se deve fazer nestas circunstâncias: apanhámos uma das grotas que ligam à Ribeira da Lapa (Serreta) onde, mais abaixo, se fez o necessário desvio para atingirmos o principal objectivo deste Passeio: a LAGOINHA,



Um aspecto da LAGOINHA, vista do marco do respectivo Pico

Embora o nevoeiro teimasse em não desaparecer, aqui não chovia, o que já não era nada mau. Junto às margens da Lagoinha, tiraram-se algumas fotos; depois continuou-se o percurso, rumo à Ribeira do Além e, junto a esta, já sem nevoeiro, fez-se uma pequena paragem, seguindo-se para o marco do PICO NEGRÃO(540m) onde mais uma vez se assistiu à bela paisagem que, do alto deste Pico se pode



Pico do Negrão e Ribeira de Além

admirar, vendo-se à distância a freguesia da Serreta, o Terreiro do Azinhal, os Funis e Algares da Serreta.

Eram 15H00 quando quando iniciámos a descida do Pico do Negrão, em direcção às viaturas.

Embora este Passeio tenha constituído o maior dos percursos já realizados este ano na ILHA VIVA, foi aquele que mais cedo terminou, pois eram 15H30 quando regressámos a Angra do Heroísmo.

Isto deveu-se ao facto de se tratar de um grupo reduzido de participantes,e todos eles terem boa "pedalada". Foram mais de 12 Km, oito dos quais sempre a subir!

Claro ... eram só jovens!

JOSE MARIA

A YA	PARTICIPANTES E ESC	CALÕES ETARIOS	
10 a 15	16 a 20	21 a 30	Acima de 30
CARLOS MIGUEL	FILIPE SILVEIRA	JOSE SILVEIRA	FERNANDO PEREIRA
HELDER FREITAS	ODILIA TEIXEIRA	EUGENIA SILVA	JOÃO MAGINA
MIGUEL LINHARES	PAULO ENES		LUIS VASCONCELOS
PEDRO COSTA	TIAGO AVELAR	1. *	JOSE MARIA
	WINDLE		VALDEMIRO ESTEVÃO

#### CIPRESTE GIGANTE

Santa Maria del Tule é a mais bonita das pequenas povoações do distrito de Oaxaca, no México; aí se vê o famoso cipreste que, em grossura de tronco somente cede ao castanheiro do Etna, venerável decano da vegetação. A contar do chão, o tronco tem 90 pés de amplitude ou de curva circunscrita; e 141, medindo-o segundo as ondulações dos ângulos que faz, salientes e reentrantes. Só aos 15 pés de altura começam os ramos, e os mais grossos mais de 37 pés de contorno; mas não tem uma grande dilatação relativa; chegará toda a árvore a 90 pés de alto, e a sua sombra, ao meio dia.abrange be-

quena circunferência não causando o efeito que era de esperar, e ainda mesmo a bem pequena distância não oparece ser objecto notável. Existem, por exemplo, na provincia de Vera Cruz árvores que menos grossas, infundem mais admiração pela altura e a imensa expansão dos ramos.

Este cipreste, todo ele viçoso, em nada oferece aparência de decrepitude; não tem corrosão, nem ramos secos; a seiva

conserva o mesmo vigor até à ponta : tudo inculca que ainda pode ter muitos séculos de duração.

Antigo habitante da Terra, venerável testemunha das revoluções dos Homens e das coisas, a quem não têm podido destruir nem tempestades nem sucessão dos tempos, esteve quase ser vítima, nos anos 20, do capricho de um rico negociante de Oaxaca. Este homem gabou-se de ter oferecido quantia avultada de dinheiro aos índios de Tule para lhes comprar a árvore e transformá-la em vigas e pranchas!... Felizmente os índios rejeitaram tal proposta, e a árvore ainda está de pé

difundindo frescura a quem a admira.

#### ARVORE PRODIGIOSA

Uma das mais alentadas árvores que a memória regista era um castanheiro que existia na Sicília há mais de 200 anos. Muitos viajantes falaram dele,entre quais se conta o inglês Brydone, que o viu em meados do século XVIII. Na aparência pareciam ser cinco árvores distintas. Diz-se que o espaço entre elas era antigamente todo maciço, de madeira constituindo assim uma só árvore.

Brydone, que o refere, assegura que, ao princípio, não podia conceber como era isso possível, porque as cinco árvores abrangiam um espaço de duzentos e quarenta pés de circunferência.

Convenceu-se, enfim, não só pelo tes-

temunho dos habitantes das vizinhanças, e pelo exame de um naturalista bastante entendido, mas também pela observação que fez nestas árvores, nenhuma das quais tinha casca pelas faces de dentro, o que bem mostrava serem troncos separados da mesma planta.

Este castanheiro tinha tanta fama que. segundo o mesmo Brydone, estava marcadó em um antigo mapa da Sicilia, publicado haveria mais de uma centena de anos.

++++++++++

#### AS ARVORES

Pelas arvores seja, com doçura Louvado Deus, que assim as quiz criar. Para a terra fecunda matizar Com tam alegre e verde formosura.

Com seus braços, a cismar. São dobadoiras, onde o Sol pendura A meada de sombra e de frescura, Que nelas anda a luz sempre a dobar.

Sombream-se por elas os caminhos, E as aves enchem da miséria dos ninhos Seus dias longos, calmos e felizes.

E já sem sêde, fresca, deleitada, Por elas vive a terra aconchegada No braço amoroso das raízes.

ARMANDO CORTE RODRIGUES

#### O ANDAR A PE É TÃO BOM COMO O CORRER

ANDAR A PÉ vigorosamente a uma média de seis a sete quilómetros por hora não só elimina alguns quilos de peso mas também fortalece o coração e força menos as pernas e os pés do que o «jogging» rigoroso, segundo Robert Kertzer e Robert Wear, da Universidade de New Hampshire, E.U.A. O andar a pé torna-se assim um exercício ideal para pessoas que não estão em «boa forma» ou que têm complicações médicas, e pode ajudar até «joggers» e corredores experientes a evitar penosos problemas ortopédicos, dizem

«Há muito pouca diferença entre

andar a pé um quilómetro e jogging, um quilómetro sob o ponto de vista de energia expendida», diz Kertzer. «Queimais cerca de cem calorias por quilómetro e meio, quer corrais ou simplesmente andeis a passo vigoroso.» Wear calcula que uma pessoa pode ter de gastar quarenta minutos a andar a mesma distância e assim queimar as mesmas calorias — que podia ser coberta em vinte e oito minutos de «jogging».

«Se a actividade é rítmica, implica uma grande percentagem de musculatura do corpo, e é continua, é boa para a saúde cardiovascular.

FRAGMENTOS \* FRAGMENTOS \* FRAGMENTOS

#### RECURTES DO ALBUM

"A UNIÃO" - 27 Novembro 1968

### A 70 metros de profundidade a «lagoa encantada» do Algar do Carvão

vai ser apresentada ao público NO PRÓXIMO DOMINGO com a inauguração da escada

com 15 metros de altura

Em número recente, «A União» publicou uma valiosa noticia relatando a construção de uma escada de acesso, provisória, ao Algar do Carvão, obra de iniciativa e responsabilidade da pres-timosa associação de recreio e instrução desta cidade «Os Moninstrução desta cidade «Us Mon-tanheiros». Discriminámos a uti-lidade e importância de tal rea-lização, que proporcionará a des-cida ao interior do Algar. Da última plataforma poder-se-à ver a lagoa, até agora «en-cantada». E mais um passo em frente na brilhante actuação em beneficio da Terra. «Os Monta-nheiros» sentirão no próximo do-mingo a recompensa de tantos esforços, tanto trabalho cheio das melhores dedicações, tudo em favor do engrandecimento regio-

Cinco anos de existência cum-prem-se no 1.º de Dezembro. E se nada mais tivessem a apontar no livro das realizações, «Os Montanheiros» poderiam sentir-se intimamente orgulhosos por terem oferecido a toda a gente, naturais e estranhos, essa im-pressionante beleza até há pou-co desconhecida que é o Algar do Carvão, com a lagoa ao fundo, a 100 metros abaixo do nivel da terra. Descobrindo-a, entregam-na ao público. É um património do Terra. Trabalhar desta maneira e com este fim, merece uma palavra de louvor e um cumpri-mento de respeito, que não regateamos neste momento. Aqui os consignamos como tributo ao cmor regional.

Aproveitando a efeméride, «Os Montanheiros» vão agradecer às cutoridades portuguesas e norte--americanas, através do progra-

ma «People to People», todas as atenções, e contribuições recebidas durante o periodo de exis-

Para a cerimónia que se realizará pelas 11 horas do domingo a que assistirão todas as autori-dades locais, portuguesas e nor-te-americanas está previsto a iluminação de parte da gruta, bem como a montagem de uma instalação de som para transmissão de música suave, que é costume facultar aos visitantes de galerias. Montagens improvisa-das, embora, proporcionarão ao público amenidade de ambiente que se poderia apresentar menos suave para as pessoas despreve-

nidas.
No dominyo, portanto, será um
dia de regosijo para «Os Montanheiros». A Terceira averbará
mais um valioso património ao
catenso expólio de atractivos turisticos, oferecido por um grupo de pessoas que se dedicam às explorações espeleológicas, com o sentido discriminado de reali-zar em benefício da terra. E quando é assim, até faz bem realcar.

"A UNIÃO" - 2/12/1968

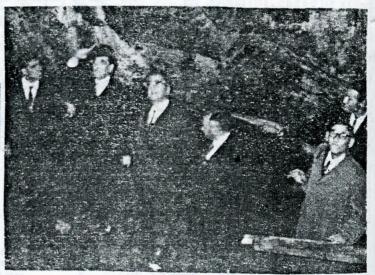
# A lagoa do Algar do Carvão 'mostrou-se' às 2.500 pessoas que ontem foram contemplar UMA PORTENTOSA OBRA DA NATUREZA e apreciar o trabalho meritório

«OS **MONTANHEIROS**»

Quando há 5 anos começaram a esboçar as primeiras atenções de um grupinho de pessoas para explorações subterrâneas ilha, mal se previa então que esse quente entusiasmo de uns esse quente entustasmo de uns tantos viria a concretizar-se numa sociedade como a de «Os Montanheiros» e, mais aindu, que essa sociedade viesse, por fim, a realizar uma obra da dimensão e do valor desta a que vimos assistindo de então para

O rompimento de rocha de acesso A Algar (em túnel com cerca de 50 metros), a conscom cerca de 30 metros), a cons-trução de uma estrada com 1.000 metros e a consequen-te descida de escada provi-sória até um ponto a que se fi-cou chamando a primeira plataforma, permitem dai observor com toda a segurança a beleza e a grandiosidade do Algar operadas em recuados anos por fenó-menos vulcânicos. A realcar a beleza natural, caprichosa, do Al-yar «Os Montanheiros» dispuse-ram com mestria uma iluminacão conveniente donde se tirava todo o efeito das estalactites, Ja lagoa e da prodigiosa dimensão do célebre e invicto Algar.

Com a presença do governador do Distrito e do comandante das Forças Aéreas Americanas da Base das Lajes, e de muitas per-sonalidades portuguesas e norte--americanas, inaugurou-se on-tem, conforme estava anuncia-do, a primeira descida oficial ao Algar do Carvão.



Um aspecto no interior do Algar

O dedicado presidente de tão prestimosa e prestigiosa socieda-de, sr. Américo Silveira Luis. apreentou perante as autorida-des, mercê das quais, da sua compreensão e ajuda foi possicompreensão e ajuda foi possi-vel realizar aquela obra, o seu agradecimento, que arquivamos na integra, pois, para além do próprio reconhecimento, ele do-cumenta o esforço insano que foi preciso dispender para apresen-tar hoje esta obra que ficará in-dubitivelmente, enquajarda no dubitavelmente enquadrada no Ambito turistico da nossa terra como um valor autêntico. Ei-lo:

Ex.mo Senhor Governador do Distrito Antónomo de Angra do

Ex.mo Senhor Comandante das

Forças Aéreas Americanas nas

Ex.mas Autoridades Meus Senhores

Foi esta visita incluida no pro-

Foi esta visita incluida no programa comemorativo do 5.º aalversário, da fundação de «Os Montanheiros», que hoje ocorre. Foi-o, não por mero intuito de preencher um programa, mas sim com o duplo fim de patentear aos olhos de Vossas Excelências o partido que se poderá tirar futuramento, do ponto de vista turístico, do Algar do Carvão — logo que servido por acessos convenientes — e manifestar sos convenientes — e manifestar a nossa muita gratidão pelos estimulo e ajuda recebidos quer das Entidades oficiais, quer de particulares

Nesta conformidade de ideias e embora «Os Montanheiros» já tenham tido a intima satisfação de, em cerimónia simples mas bem sentida, prestar a Vossa Excelência, Senhor Governador, a homenagem da sua profunda e sincera gratidão pela estimulan-te compreensão dos seus problemas, nem por isso deixa de ser oportuno salientar uma vez mais as preciosissimas diligencias por V. Ex. efectuadas no sentido da obtenção da substancial compar-ticipação do Estado para a execução das obras necessárias à valorização do Algar do Carvão e portanto do turismo tercetrense. É que sem tais diligências não nos seria permitida a veleidade de meter ombros a uma tão ingente e pesada tarefa. Aceite, pois, V. Ex. a expres-são do mais elevado reconhecimento e admiração de «Os Montanheiros pelo muito carinho que lhes tem dispensado a bem do desenvolvimento regional.

Seja-nos agora permitido diri-gir a Vossa Excelência, Senhor Comandante das Forças Aéreas Americanas da Base das Lajes, ao Programa People to People por Vossa Excelência aqui dignamente representado e aos Ex.mos Senhores coronel Deide, coro-nel Rou, dr. Clarque Mister Heiney, dr. Miller e major Tutaron uma palavra de viva Tutaron uma palavra oc viva gratidão e admiração pelar mui-to vallosa colaboração prestada durante a execução da primeira fase de construção da via que conduz, em nosso modo de vera a uma das mais imponentes ma-

ravilhas com que a Natureza dotou a nossa bem amada Ilha Ter-ceira e que é o Algar do Carvão.

or que sem a expléndida ajuda de Vossa Exceléncia, sem o traa efeito pela vossa Saccão de En-genharia não teria sido certamente tão rápida e eficaz a execução te tão rápida e eficaz a execução deste grande melhoramento. E fora de dúvida que o que está já feito nesta estrada é um testemunho vivo da amabilidade e boa compreensão da Força Aérea dos EE. UU., que V. Ex. tão dignamente comanda. Muito e dignamente comanda. Muito e muito obrigada por tudo, Senhor Comandante

Omandante.

Não podemos também deixar
de aqui salientar e igualmente
agradecer a preciosa colaboração
e assistência técnica prestada pela Direcção Geral dos Serviços la Direcção Geral tos Serviços de Urbanização por intermiédio da Secção em Angra do Heroismo da Direcção de Urbanização dos Açores, a qual se traduziu especialmente na elaboração do reviente a orienteção dos trabaprojecto e orientação dos traba-lhos, e ainda a todas as Entidades que por qualquer modo nos concederam os mais variados auzílios, como sejam a Junta Geral do Distrito, a Câmara Municipal de Angra do Heroismo e a Co-missão Regional de Turismo.

E chegados a este ponto seria injustiça e ingratidão de «Os Montanheiros» não mencionar o Ex.mo Senhor José da Câmara que, num gesto da mais nobre. compreensão do alto interesse regional do Algar do Carvão e seu acesso, cedeu gratuitamente a vasta área por ele ocupada e o



O presidente de «Os Montanheiros», sr. Américo veira Luís, lendo o seu agradecimento

terreno indispensável à construção da estrada. Creia Vossa Ex-velência, Sr. José da Cámara, que nós «Os Montanheiros» jamais esqueceremos esse nobre gesto e que a nossa gratidão fi nobre cará para todo o sempre públi-camente expressa nestas modestas, mas sentidas palavras de agradecimento. Bem haja, pois,

seja-nos ainda licito exprimir a nossa gratidão a Imprensa lo-cal e Rádio Clube de Abgra e até toda a Imprensa Açoriana pelo muito que nos tem dis-tinguido com palavras encora-jadoras de modo a prosseguirmos.

A terminar permito-nos dan-car um apelo a todos os tercel-ienses para que nos dispensem

a sua boa compreensão e ajuda a sua boa compreensa e ajuda, uma vez que lhe levamos a cer-teza de que a nossa actividade é fundamentalmente para eles e por eles, na medida em que con-tribuimos para o enriquecimento do património turístico tercei-rensa.

No decorer das visitas ao Al-gar do Carvão verificou-se um grande movimento de viaturas. Segundo nos informam, a Policia de Trântito resolveu impedir a entrada de carros na estrada de acesso, o que terá causado alguns reparos, mas de inteiro re-conhecimento de «Os Montanhei-

# LUZ E SOM NA BOCARRA DE UM VULCÃO

ALGAR DO CARVÃO: Um atractivo mais nesta ilha

Um túnel e uma escada (de ma-deira) admirávelmente construída são a base para um futuro ciclo de propaganda do Algar do Carvão. Uma estrada ao longo de proprie-dades do sr. José da Cámara, assim também aquele túnel e a escadaria tenicim aque tune e a cadanta referida foram anteontem inaugura-dos em comemoração do 5.º aniversá-rio da associação espeleológica «Os Montanheiros»

O que significa o empreendimen-to «ALGAR DO CARVAO» — si-milar, allás a outro que tem dado some à Ilha Graciosa? Significa o rompimento para novo cartaz turis-tico terceirense. Está-se no inicio de tico terceirense. Esta-se no inicio de algo que será, porventura, obra Im-portante de valorização na zona central da Ilha Terceira, onde, por sinal anteontem também, se inau-gurou o tentadoro do lavrador sr. gurou o tentadero do lavrador sr. Manuel Almeida Jr., futura (ou actual) Praça de Touros de Santo

E que representa, desde já, o em-reendimento?

E que reprisenta, testa Ja, o preendimento?

Representa o resultado de voluntarioso amor à terra e a um desportociência (a Espeleologia), pois que «Os Montonheiros» em curto espamos e levaram as suas disposições até junto de Ministérios e de cientistas de renome, de todos obtendo apolos e estimulos. Buscaram amigos na sua terra, atrairam a atenção gos na sua terra, atrairam a atenção das autoridades e de técnicos. As facilidades que foram grangeando somaram, entre outras, uma ajuda material valiosissima do Comando das Forças Aéreas dos Açores — do

pròprio General Buckner, do dr. Miller, do Coronel Dadde, do Coronel Rowe, do dr. Clark, de Mr. Haney e do Major Tutaron.

#### OUTRA CATEDRAL GEOLOGICA MAS COM ESTALAGTITES E ESTALAGMITES

E ESTALAGMITES

Havia festa brava para aqueles
menos centenas de pessoas — no
todo 2500 — ter podido matar de
uma cajadada dois coethos. O Algar
já famoso atraiu com efeito, uma
pequena multidão de curlosos.
Havia — tudo provisório, verdade seja — um espectáculo de luz e
som, modesto é certo, mas suficientemente expressivo para se aquilatar das possibilidades extraordinárias que o Algar do Carvão oferece.
Cremos poder informar que duas

Cremos poder informar que duas gruius portuguesas foram já esco-lhidas para a exploração turistica em grande plano, sendo uma nas Ilhas (Algar do Carvão) e a ou-

Ilhas (Algar do Carvão) e a outra no Continente.

— Como a conhecidissima Furna do Principe Alberto de Mónaco a Caideira da Graciosa, é lo Algar do Carvão lautêntica «catedral geológica». Diversa porém, daque la. O conjunto da lagoa das estalagities e estalagimites e de várias abóbadas bem assim a configuração arouttectónica caprichosa da characteristica de construir de construir do construir do caprichosa da characteristica caprichosa da adobadas bem assim a configuração arquitectónica caprichosa da cha-miné vulcânica reservaram ao Al-gar uma preferência sobre a furna da Graciosa, que sendo verdadeira-mente bem maior é no entanto, mee menos misteriosa

"DIÁRIO INSULAR" - Dezembro - 68

Quanto à escadaria (de 160 de-graus) feita agora — trabalho con-cebido por Américo Luís — es-panta ela pelo arrojo da concepção. Quer parecer-nos que, não contando cla senão minimamente no conjun-to espectacular, o actual traçado deto espectacular, o actual traçado de-devería vir a servir para insplar a obra definitiva. Não é — parece-nos também — necessário instalar um elevador. Quem desce espanta--se com os quadros que se deparam à vista. Quem sobe recorda, a pou-co e pouco, tudo aquilo, que é ma-iestoso imponente. jestoso, imponente.

jestoso, imponente.

A lagoa — segundo soubemos de
um técnico espeleólogo encarregado
pelo S. N. I. de fazer o reconhecimento das grutas turísticas portuguesas — é precisamente das que
admitem instalação de lluminação e
de jogos de água a várias cores.

Outos valor servicios

de jogos de água a várias cores.
Outro valor positivo da gruta é a sua configuração com ressessos indispensávels ao «som» (Neste aspecto a instalação de anteontem não chegou para dar a medida do que é possível fazer).

As estalagities e estalagmites aninham-se no lado oposto à egrande varanda, fora do alcance de mãos profanadoras. Ninguém lhes tocará nem agora nem de fu-

turo...
Em cerimónia simples e antes da
visita, o presidente da direcção de
cOs Montanheiross, sr. Américo Silveira Luís, que se encontrava acompanhado de muitos associados, —
proferiu uma alocução inaugural perante numerosos convidados, entre

os quais o Governador do Distrito e o Comandante das Forças Ameri-canas, Presidentes dos Corpos admi-nistrativos e da C. R. de Turismo, chefe da secção de Angra da D. de

Urbanização.

Palavras de gratidão foram as que proferiu inicialmente o sr. Silque proteriu inicialmente o sr. Silveira Luis. De gratidão ao Chefe do Distrito (pelas suas «preclosissimas diligências») ao programa «People to People» («vallosa colaboração», «testemunho vivo» da sec-

cão de Engenharia americana, na abertura da estrada) à D. G. dos Serviços de Urbanização (epreciosa colaboração e assistência técnica) pela secção de Angra), à Junta Geral, Cámara Municipal e C. R de Turismo, e ainda ao sr. José da Cámara, à Imprensa e Rádio.

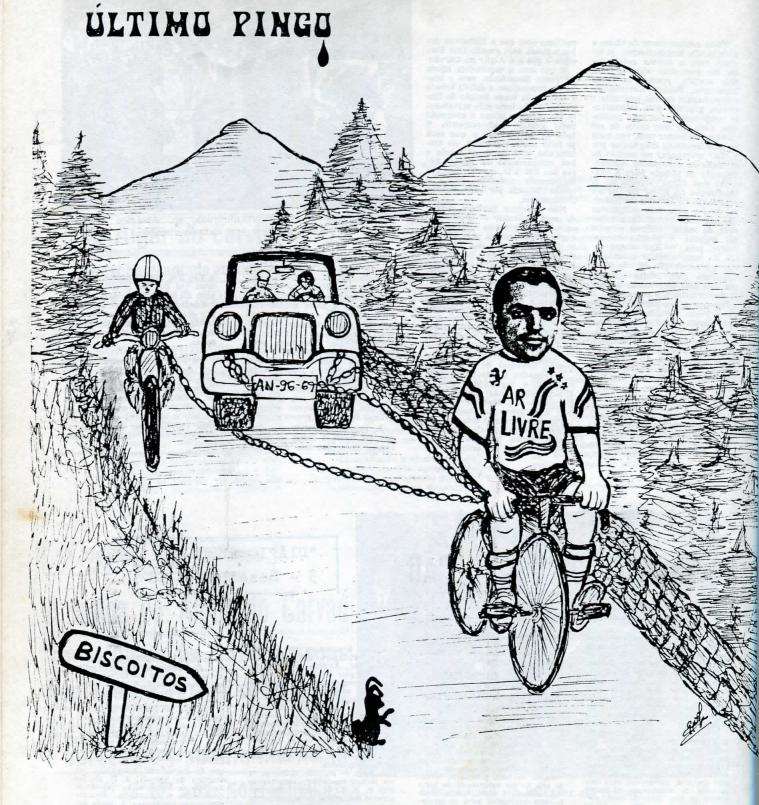
#### APELO AOS TERCEIRENSES

As últimas palavras do presiden-te da direcção dos «Montanheiros» comportaram um apelo que regista-

mos:

«A terminar permitimo-nos lançar um apelo a todos os terceirenses para que nos dispensem a sua
compreensão e ajuda, uma vez que
lhes levamos a certeza de que toda a nossa actividade é fundamentalmente para eles e por eles, na
medida em que contribuimos para o
enriquecimento do património turistico terceirenses.

6.380



# PINGU DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS" REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rocha, 6/8 9700 ANGRA DO HEROÍSMO — TERCEIRA/AÇORES TELEFONE 22992

— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —

